

# MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

- BIBLIOTECA -

TATUI



## POR QUE O JUÍZO AINDA NÃO TERMINOU ?

## DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

# Até quando?

Cento e cinquenta anos se passaram desde que a Igreja começou a pregar a Tríplice Mensagem Angélica, e Cristo ainda não voltou. Por que não o fez? Como podemos entender a tardança de Jesus? Quanto tempo teremos ainda de esperar o cumprimento de Sua promessa – “Voltarei e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estou estejais vós também”? (João 14:3).

O apóstolo São Pedro, no capítulo três de sua terceira epístola, ajuda-nos a esclarecer o assunto: “O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a tenham por tardia”, diz ele, no verso nove. No versículo anterior, o apóstolo explica que “um dia para o Senhor é como mil anos”. Porventura isto significa que os seis mil anos de pecado que atormentavam o mundo são apenas seis dias para Deus? Onde está, então, a tardança?

Em certa ocasião, diante do desejo que Seus discípulos manifestaram de saber o tempo exato do fim de todas as coisas, Jesus afirmou que “daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do Céu, nem o Filho, mas unicamente o Pai” (Mat. 24:36).

Segundo esse verso, no cronograma divino já estão registrados o dia e a hora do retorno de Jesus. E mais, devemos lembrar-nos que o Pai é um Deus infalível, pontual, porque “vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher” (Gál. 4:4).

Por que então Cristo disse a Seus discípulos que “este evangelho do reino será pregado em todo o mundo ... e então virá o fim”? (Mat. 24:14).

A volta de Cristo estaria, por acaso, dependendo de nós? Como encaixar esses dois pensamentos?

Bem, vamos imaginar que você tenha um encontro marcado com um amigo, num determinado lugar. Esse amigo retarda cinco horas e você simplesmente não tem nada para fazer. Não acha você que a espera se torna tediosa no início e, depois, até enervante e desesperadora?

Mas, imagine que o amigo que marcou o encontro com você lhe pediu para distribuir uma caixa de folhetos, um a um, a todas as pessoas que passam pelo lugar onde o está esperando. Mais ainda, você tem que contar para cada uma delas como o conteúdo desses folhetos o ajudou na sua experiência, ou seja, tem que dar testemunho. Você não acha que a espera se fará menos tediosa? O tempo voará e, de repente, quando você perceber, o amigo já estará ali ao seu lado, bem perto de você.

Entende o raciocínio? Deus nos confiou a missão de pregar o evangelho a todo o mundo para que a espera não se tornasse sufocante. Sendo que o nosso tempo é curto, em comparação com a eternidade de Deus, talvez descansemos em Cristo no cumprimento da missão, mas quando acordarmos na manhã da ressurreição, com certeza, nós O veremos ao nosso lado.

Na realidade, só sente que Jesus está demorando quem não participa da missão.

Aguardar a volta de Cristo de braços cruzados, ou, na melhor das hipóteses, sentado na arquibancada, pode ser motivo de tédio e sonolência. Desânimo e até desespero.

Aguardar a bendita esperança, comprometido com a missão, dá à vida um sentido missiológico que torna a espera curta e cheia de significado.

Enquanto aguardamos que nosso grande amigo Jesus Cristo concretize a bendita esperança cristã – Sua volta à Terra –, empenhemo-nos na divulgação do Seu amor. Inspiremos nossas igrejas a estarem envolvidas na ditosa tarefa de testemunhar. Dessa forma, outros serão alcançados e se renderão a Ele, enfileirando-se lado a lado com aqueles aos quais virá buscar e introduzir em Sua glória.

Cento e cinquenta anos se passaram desde quando um fervoroso grupo de crentes começou a eloqüente divulgação da breve volta de Jesus Cristo. Muita coisa aconteceu daquele início até nossos dias. Logo a esperança será doce realidade. Nosso Deus jamais falhou. Nunca falhará.

Jesus está demorando? Perguntemos ao autor do livro Aos Hebreus e ele nos responderá: “Ainda um pouquinho de tempo e o que há de vir, virá e não tardará” (Heb. 10:37). - *Alejandro Bullón*.

# MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 64 – Número 10 – Set./Out. 1994 – Periódico Bimestral  
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

BIBLIOTECA -

TATUI

## DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

**2** ATÉ QUANDO?  
*Alejandro Bullón*

## 4 ENTREVISTA

### ARTIGOS

**9** A MISSÃO AINDA É A MESMA  
*Victor Casali*

**12** O DILEMA DO ABORTO  
*Martin Weber*

**17** POR QUE O JUÍZO AINDA NÃO TERMINOU?  
*Rubem Milton Scheffel*

**23** O PRECURSOR DO ADVENTISMO  
*Vohney Kühl*

**26** ISTO É INDISPENSÁVEL  
*Jim H. Zachary*

### PASTOR

**28** BARNABÉ: O HOMEM DA SEGUNDA OPORTUNIDADE  
*John Graz*

### AFAM

**31** ANO INTERNACIONAL DA MULHER ADVENTISTA  
*Vasti S. Viana*

**Diretor Geral:** Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Josias H. Silva; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefte Carvalho, Moisés Batista de Souza.  
**Capa:** Provonsha

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 - 70279-970 — Brasília, DF.

**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**

Rodovia SP 127 - km 106 - 18270-000 - Tatuf, SP.

2246

# O fim está muito próximo



Werner

*Nascido na cidade de São Paulo, o Pastor Antônio Alberto Nepomuceno aceitou a Cristo, graças à influência de sua avó, e foi batizado na Igreja Adventista em 1948. Bacharelouse em Direito, pela Universidade de São Paulo, cursando posteriormente um ano do curso teológico, no IAE, e o Mestrado em Teologia, na Universidade Andrews, nos Estados Unidos. Além de ter servido à Obra adventista como pastor distrital, lecionou para vários cursos no Instituto Adventista de Ensino, inclusive matérias relacionadas com as áreas de Escatologia e de Ética, para a Faculdade de Teologia.*

*Casado com Mírian Fusco Nepomuceno, possui um casal de filhos e dois netos. Atualmente, o Pastor Nepomuceno encontra-se jubilado. Foi em seu apartamento, localizado no bairro Morumbi, em São Paulo, que concedeu a seguinte entrevista, para a revista MINISTÉRIO, a Elizeu Lira.*

**MINISTÉRIO:** *Qual é a base principal para nossa compreensão e elucidação das profecias bíblicas?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Eu creio que a chave para compreendermos as Sagradas Escrituras e suas profecias, está em situarmos tudo no contexto do grande conflito milenar entre Cristo e Satanás, conforme exposto pela Sra. Ellen White em seus livros, notadamente

na série *O Conflito dos Séculos*.

**MINISTÉRIO:** *Qual o objetivo de um Juízo Investigativo, antes do advento de Cristo?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Primeiramente gostaria de lembrar que o movimento milerita não propagou o Juízo Investigativo. Sua mensagem era a volta de Cristo, o juízo sobre a Terra, com base na compreensão de que esta era o santuário que deveria ser purificado. O termo Juízo Investigativo apareceu depois, acho que em 1856, usado por um membro leigo numa correspondência à nossa principal revista daquela época. O Pastor James White passou a utilizá-lo, e ele acabou sendo consagrado no seio da Igreja.

Mas a expressão não diz tudo o que o

juízo quer significar. Nos últimos trinta anos, passou a ser utilizada uma expressão mais adequada, ou seja, "Juízo Pré-Advento", mais de acordo com o objetivo do juízo que acontece no Céu, antes da volta de Jesus, que é, além de definir, com base nos registros celestiais, as pessoas que estarão salvas ou perdidas quando Cristo retornar, mostrar que Deus é justo ao julgar Suas criaturas humanas.

**MINISTÉRIO:** *Existe algum aspecto de vindicação, inserido no processo de julgamento?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Volto ao que já falei anteriormente. Todo o processo redentor de Deus deve ser entendido no contexto do grande conflito entre Cristo e Satanás. Ainda no Céu, Lúcifer rebelou-se contra Deus, tentando conspurcar o Seu caráter, apresentando-O como tirano, injusto e desprovido de amor. Expulso e tornado Satanás, ele continua sua obra de tentar desmerecer a Deus, Suas obras e Seu caráter. O Universo inteiro precisa saber que o Senhor é justo, amoroso e bom. E Satanás, um facínora, injusto, mentiroso e destruidor. Todas as ações de Deus dão aos seres criados a oportunidade de fazerem tal distinção. O Juízo também possui este aspecto vindicador.

**MINISTÉRIO:** *Como os demais cristãos do Século XIX reagiram à mensagem de Miller?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** A pregação de Guilherme Miller lançou o mundo evangélico de seu tempo, num estado de grande excitação. Posteriormente, em virtude de uma compreensão mais ampla do assunto, houve um fervor religioso muito acentuado; tanto que muitos não somente ouviam as mensagens, mas adotavam seus pontos de vista. Era-lhes muito agradável a mensagem de que Cristo voltaria brevemente. Num país notadamente evangélico, onde as Escrituras eram pesquisadas, essa questão foi bem acolhida. Alguns problemas surgiram depois, quando muitos membros deixaram suas igrejas tradicionais e quando se evidenciou o engano de Miller, no que se referia ao evento que teria lugar na data prevista. Mas sua pregação era convincente.

**MINISTÉRIO:** *Qual era o método de interpretação bíblica usado pelos pioneiros adventistas?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Eles se va-

liam justamente do chamado método contínuo-histórico de interpretação profética. Seguindo esse método, eles procuravam ver na História a correspondência dos fatos aludidos anteriormente nas profecias.

**MINISTÉRIO:** *Como se chegou, na época, à demarcação do ano 457 a.C., como ponto de partida da profecia dos 2.300 anos?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** A Bíblia faz menção de três decretos concernentes à reconstrução de Jerusalém e de seu templo. Porém, o único decreto que se coaduna aos termos da profecia de Daniel 8:14 é o decreto de Artaxerxes, promulgado em 457 a.C. Foi posto em execução no mesmo ano, tanto pela viagem de Esdras e seus companheiros, como pelo início das obras de reconstrução, conforme esboçadas em Daniel capítulo nove, na profecia das Setenta Semanas.

**MINISTÉRIO:** *Existem garantias históricas e documentais que confirmem essa data?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Sim, existem. Os Pastores Siegfried Horn e Wood escreveram um livro, *A Cronologia de Esdras Sete*, no qual demonstram, à exaustão, a veracidade dessa data. Também o Pastor Thiele, numa tese doutoral sobre o misterioso número dos reis hebreus, mostra a maneira de cálculo dos calendários judeu, babilônico e outros daquele tempo. Isso forneceu uma base sólida para se fazer o estabelecimento de 457 a.C., como o ano em que foi promulgado o decreto de Artaxerxes, que marca o início da profecia dos 2.300 anos.

Eruditos insuspeitos, por não serem adventistas, tais como Gleason L. Archer Jr., aceitam a data. No livro *A Survey of Old Testament Introduction*, Gleason confirma o ano 457 a.C.

**MINISTÉRIO:** *Podemos então confiar no princípio dia-ano.*

**PASTOR NEPOMUCENO:** É absolutamente confiável. Acima de tudo é bíblico. Inclusive há outros períodos proféticos relativos à supremacia papal, onde ele é utilizado, tanto no livro de Daniel como no Apocalipse.

**MINISTÉRIO:** *Fora o livro de Daniel, existem outros livros proféticos do Velho Testamento que apontem o Santuário Celestial como o local do julgamento?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** No livro de Ezequiel, nós encontramos um exemplo de Juízo Investigativo (para usar a expressão comum), nos capítulos um a dez. O Dr. William Shea, no livro *Selected Studies on Prophetic Interpretation*, faz uma explanação muito clara a esse respeito.

**MINISTÉRIO:** *Existe outro indicativo bíblico que aponte para 1844, como início do Juízo Pré-advento?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Quanto à data, a única base que temos é a profecia de Daniel 8:14. Agora, é preciso compreendermos o contexto em que ele foi escrito, a fim de entendermos porque é o único a mencionar essa data. Jerusalém havia sido devastada, assim como o templo, considerado

símbolo da grandeza nacional e da presença de Deus. Nem o povo judeu e nem Daniel podiam compreender tudo isso. Tendo recebido o dom de profecia, Daniel, em meio àquela situação, procurou saber de Deus, quando o santuário seria novamente erigido.

Deus, então, através das visões que lhe dera, mostrou ao profeta cenas do juízo e da purificação do Santuário Celestial. Buscando entender como aconteceria essa purificação, considerando que o santuário de Jerusalém estava destruído, Daniel obtém a informação de que o santuário seria purificado, mas deveria voltar sua atenção ao Santuário Celestial (Dan. 8:26 e 27).

**MINISTÉRIO:** *Como a compreensão da Doutrina do Santuário e do ministério sacerdotal de Cristo influenciou os pioneiros no período posterior ao grande desapontamento?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** A maioria dos mileritas não aceitou o ponto de vista originado na compreensão de Hiran Edson. Porém os pioneiros se sentiram grandemente estimulados e incentivados pela nova explicação, e mergulharam profundamente no estudo das Escrituras em busca de respaldo bíblico para ela. Assim foi que eles estudaram bastante sobre o Dia da Expição, à luz do que é apresentado de maneira bem clara e soeja, nos livros de Levítico e Hebreus.

**MINISTÉRIO:** *Qual a importância dos acontecimentos de 22 de outubro de 1844 na formulação histórica e teológica da Igreja Adventista do Sétimo Dia?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Os primeiros anos posteriores a 1844 foram anos de profunda pesquisa bíblica e de muita consagração ao Senhor, por parte dos pioneiros. Por conseguinte, surgiu crescente luz a respeito dos temas fundamentais da nossa fé. Desde então, e até os nossos dias, esses temas continuaram sendo objeto de estudo

---

## Os primeiros anos posteriores a 1844 foram de profunda pesquisa bíblica e de muita consagração ao Senhor, por parte dos pioneiros.

---

e se cristalizaram como colunas doutrinárias inabaláveis da Igreja. Apareceram estudiosos que nos ajudaram, através de suas pesquisas, a ampliar a compreensão a respeito desses assuntos. Aliás, hoje existem teólogos adventistas reconhecidos

por outros que não são da nossa denominação. Mas é importante lembrar que o valor desses teólogos reside no fundamento essencialmente bíblico dos ensinamentos que eles apresentam.

**MINISTÉRIO:** *Quais as idéias predominantes, no mundo teológico, a respeito dos 2.300 dias?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Bem, nós somos os únicos a aceitar a profecia das 2.300 tardes e manhãs, da maneira pela qual a aceitamos, compreendendo que vivemos na época em que se intensificam os sinais do tempo do fim. Embora sejamos respeitados como Igreja, muitos não concordam com a nossa maneira de interpretar os livros de Daniel e Apocalipse. Alguns teólogos conservadores e Igrejas caminham junto conosco até o capítulo seis de Daniel. Mas quando adentramos aos assuntos proféticos, eles tomam o caminho da interpretação jesuítica, ou seja, aceitam que a “ponta pequena” mencionada em Daniel sete é Antíoco Epifânio, e não o papado, caindo assim na armadilha preparada no Concílio de Trento.

**MINISTÉRIO?** *A partir de como esta posição é elaborada?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Alguns fatos contribuíram para isso. Na Reforma, o

anticristo foi apresentado, pelos reformadores de maneira geral, como sendo o papado. A fim de neutralizar os efeitos de tal afirmação, a Igreja convocou o Concílio de Trento, ou da Contra-Reforma, onde se procurou desviar a atenção do povo do cumprimento das profecias relativas ao papado; especificamente sua associação à “ponta pequena”. Dois escritores católicos publicaram obras procurando interpretar as profecias. Um deles adotou o ponto de vista preterista, ou seja, tentava mostrar que as profecias de Daniel e Apocalipse haviam se cumprido no passado. O outro, defensor da idéia futurista, tentava mostrar que as profecias se cumpririam apenas no futuro. Isso quer dizer que o presente ficava num vácuo profético, não havendo lugar para se apontar o papado como a “ponta pequena” de Daniel sete. Desse modo, o papado perdia sua preeminência profética, abrindo a brecha para qualquer outra figura fosse encaixada.

Também houve Porfírio, um filósofo neoplatonista que afirmava não existir o elemento preditivo na profecia. Era um pagão e escreveu obras combatendo as Escrituras Sagradas. Então, notemos o seguinte: se não existe o elemento preditivo, não existe profecia. Nesse caso, também não existe o Deus que a deu; ou, se existe, Ele estaria mentindo. Durante vários séculos, alguns seguiram esta escola de Porfírio, descrendo que pu-

desse haver um anúncio antecipado dos acontecimentos, na profecia. No século XIX, alguns protestantes, procurando desmerecer a crença adventista, tentaram mostrar que embora o livro de Daniel fosse escrito no Séc. VI a.C., o ser que aparece identificado como a “ponta pequena” era Antíoco Epifânio. Isso porque ele corresponderia à conspurcação do templo, e posterior restabelecimento das cerimônias que ele havia colocado por terra. Esse ponto de vista foi aceito inclusive por Flávio Josefo, historiador judeu no primeiro século da Era Cristã, e passou a muitos.

**MINISTÉRIO:** *Que fatos ou características especificamente fizeram de Antíoco Epifânio um suposto cumpridor da profecia?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Antíoco Epifânio, pertencente à dinastia selêucida, procurou governar o Oriente Próximo. Embora ele não tenha a força descrita pela Bíblia para ser a “ponta pequena”, preenche, sob certos aspectos, alguns poucos requisitos da profecia, mas de modo artificial. A profecia mencionava dias ainda “mui distantes”, e o livro do Apocalipse consagra as profecias de Daniel, tendo já ocorridos os dias de Antíoco Epifânio. Portanto, não era Antíoco Epifânio quem estava no pensamento de Jesus Cristo ao serem dadas a João as visões do Apocalipse. Nelas, o vidente de Patmos se apropria dos elementos de Daniel, aplicando-os a um poder que surgiria no futuro. Agora, Antíoco Epifânio procurou destruir o templo de Jerusalém, embora sem êxito; colocou de lado as ofertas sacrificiais que eram apresentadas, sacrificando inclusive porcos no altar do templo, buscando menosprezar os judeus e o Deus deles. Aliás, o próprio Antíoco Epifânio se julgava um deus.

**MINISTÉRIO:** *Quais os principais paralelos entre os trabalhos executados no Santuário Celestial e o Dia da Expição?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Indo ao livro de Hebreus, verificamos que ele se refere exclusivamente ao tabernáculo do deserto. Então compreendemos que segundo o ritual do santuário, no Dia da Expição, o sumo sacerdote precisava oferecer sacrifícios a fim de que os pecados do povo fossem perdoados. Antes disso, deveria oferecer em favor de si mesmo, pois, antes de poder interceder pelo povo, deveria ser ele mesmo purificado.

Nesse mesmo livro, encontramos a purificação do Santuário Celestial, feita por Cristo, porém sem a necessidade de Ele apresentar sacrifício por Si mesmo. Ele não cometeu pecado. Ele foi o sacrifício, e, por esse sacrifício, faz a purificação do Santuário Celestial (Heb. 9:23 e 24). Cristo, portanto, é o Sumo Sacerdote que intercede por nós, agora, diante de Deus, e realiza simultaneamente o Juízo Pré-advento. Segundo Hebreus

---

Segundo o livro aos Hebreus,  
o sacrifício de Jesus aponta,  
não apenas para a justificação  
pela fé, mas para a  
santificação pela fé.

---

10:10 e 14, o sacrifício de Jesus aponta, não apenas para a justificação pela fé, mas para a santificação pela fé.

**MINISTÉRIO:** *No seu modo de ver, em que a Igreja de 1994 difere do movimento de 1884, quanto ao fervor e à missiologia?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Em 1884, o movimento milerita foi um movimento despedido de egoísmo, em que havia uma plena consagração. As pessoas que dele participaram aguardavam a segunda vinda de Cristo e estavam dispostas a se desfazer daquilo que possuíam. Experimentavam um profundo fervor. Tão profundo, que quando passaram pelo desapontamento, os fiéis permaneceram. Aqueles que estavam ligados ao movimento apenas por temor, se afastaram.

O movimento cresceu, tornou-se Igreja, enfrentou dificuldades através dos anos, superando-as. Temos chegado ao tempo do fim, e a missão continua a mesma. Devemos continuar marchando, pregando o evangelho, “e então virá o fim”, como disse Cristo. A Sra. White procura basear a sua pregação sempre no fato de que temos diante de nós a necessidade de compreendermos a Tríplice Mensagem Angélica não apenas como uma profecia, mas como um mandato para pregar o evangelho, porque Cristo voltará.

**MINISTÉRIO:** *O senhor vê o perigo de darmos apenas relevância histórica a um fato tão importante, como é esse, para a nossa missão?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Há, sim, o perigo de darmos relevância histórica ao fato e ficarmos repousando sobre doutrinas que já conhecemos, compreendendo que temos a verdade, mas esquecendo que existem pessoas sinceras em todas as demais Igrejas, inclusive no paganismo, e deixando de pregar o evangelho da maneira como deve ser pregado: com todo o fervor.

**MINISTÉRIO:** *Na teologia adventista tradicional, Deus, o Pai, tem sido apresentado muitas vezes como o juiz. No entanto, João 5:22 afirma que “O Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo o julgamento”. Quem é, afinal, o juiz?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Muitas vezes, nós perdemos de vista o fato de que a Divindade, comumente chamada Trindade, age em comum acordo. Não há divergências

entre Seus componentes. A tarefa é uma só. Talvez cada um desses seres assume a responsabilidade por determinado aspecto da tarefa. Na criação, Eles estavam juntos, embora o agente foi nosso Senhor Jesus Cristo. Todo o plano da salvação, incluindo o Juízo, também é um trabalho feito em conjunto pela Trindade. Agora, Cristo tornou-Se o agente, para que o nome de Deus, o Pai, seja reivindicado. Ele assume esse trabalho.

Em I Coríntios 15:21 a 28, Paulo esclarece que Cristo aceitou a missão de reivindicar o caráter do Pai, e restabelecer a harmonia do Universo, através de Sua obra redentora. Quando tudo estiver esclarecido perante todo o Universo, quando o pecado tiver sido destruído, quando Satanás estiver destruído; enfim, quando Cristo houver concluído Sua missão reivindicatória do caráter de Deus, que abrange também a salvação do homem, então, se cumprirá o que está escrito: “Deus será tudo em todos”; porque não haverá a menor dúvida na mente de nenhum ser criado a respeito do caráter de Deus, Sua Obra e Seus objetivos para todos os Seus filhos.

**MINISTÉRIO:** *O que o senhor gostaria de dizer aos leitores de MINISTÉRIO a propósito dos sesquicentenário adventista?*

**PASTOR NEPOMUCENO:** Nos dias dos apóstolos, eles já consideravam próxima a segunda vinda de Cristo. O Apocalipse, por exemplo, começa com uma bem-aventurança aos que lêem, aos que ouvem e guardam as palavras proféticas, “pois o fim está próximo” (1:3). O movimento adventista teve início pregando a proximidade do mesmo acontecimento. E, ao longo dos seus escritos, Ellen White insiste na mesma tecla, tentando incutir-nos um sentido de urgência em nosso trabalho e no preparo da nossa vida, para esse acontecimento.

Embora tenham se passado 150 anos, o tempo está próximo. Mais do que nunca, está próximo. Os últimos acontecimentos, especialmente das duas últimas décadas, apontam inequivocamente para a proximidade da segunda vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Diante dessa realidade, a Igreja deve se aplicar de maneira dedicada e consagrada à pregação do evangelho. Isto implica, primeiramente, viver o evangelho; pregar pelo testemunho pessoal. E, evidentemente, empregar todos os meios disponíveis na tecnologia moderna para a divulgação da terceira mensagem angélica.



# A missão ainda é a mesma

DR. VICTOR CASALI

*Professor de História Denominacional na  
Universidad Adventista del Plata, Argentina.*

**A** Igreja Adventista do Sétimo Dia surgiu como resultado do cumprimento de profecias específicas das Sagradas Escrituras.

Para os adventistas, Apocalipse 10:8-11 soa muito familiar: “A voz que ouvi, vinda do Céu, estava de novo falando comigo e dizendo: vai, e toma o livro que se acha aberto na mão do anjo em pé sobre o mar e sobre a terra. Fui, pois, ao anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele então me fala: toma-o, e devora-o; certamente ele será amargo ao teu estômago, mas na tua boca, doce como mel. Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e na minha boca era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo. Então me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis.”

Essas palavras nos levam de volta ao livro de Daniel. “Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro”, (Dan. 12:4). O livro mencionado por João, em Apocalipse, representa o livro de Daniel que havia sido selado. Deve ser adicionada a esse fato a profecia de Daniel 8:14, que alude à purificação do Santuário Celestial. No idioma original, o termo do qual se traduz a palavra “purificado” traz, entre outros significados, a idéia de restaurar. Ou seja, no final dos 2.300 anos, em 1844, Deus suscitaria um povo que continuaria a completar o processo da verdade que “o chifre pequeno ... deitou por terra” (Dan. 8:9-12).

A expressão “o livrinho ... na minha boca era doce” teve seu cumprimento no

gozo que experimentaram Guilherme Miller e seus seguidores, os mileritas, ao pregarem com todas as suas energias que Cristo voltaria logo. Essa promessa os encheu de contentamento.

Miller não pregou sozinho. Aproximadamente 300 ministros uniram-se a ele. Chegaram a ter auditórios de até quinze mil pessoas. A Obra de Publicações ocupou um lugar preponderante no movimento milerita. Foram editados 50 distintos periódicos, muitos deles em conexão com as séries de conferências que apresentavam. Em 1842, a tiragem total foi de 50 mil exemplares; um milhão em 1843, e cinco milhões em 1844. Esse grande processo editorial pôde cristalizar-se graças aos recursos financeiros que abundante e generosamente vinham das mãos dos membros que se sentiam peregrinos no mundo.

Mais de 50 mil pessoas aceitaram a preciosa mensagem do retorno de Jesus.<sup>1</sup> Preparavam-se para encontrar com Ele em 22 de outubro de 1844. Aquele dia, no entanto, passou e o Senhor não veio. Cumpriram-se, então, as palavras: “quando, porém, o comi, meu estômago ficou amargo”.

### Sombra desfeita

**U**m dos grupos que se formaram depois do desapontamento, o menor de todos, decidiu continuar estudando as Escrituras para encontrar uma resposta ao problema existencial e teológico que viviam. Esqua-

drinhando os livros de Hebreus, Daniel e Levítico, encontraram que o santuário que havia de ser purificado não era a Terra, mas o Santuário Celestial. Acharam que a purificação do santuário terrestre, por parte do sumo sacerdote, no Dia da Expição, simbolizava o ministério de Cristo como o grande Sumo Sacerdote que havia começado Sua obra de purificação antitípica do Santuário Celestial, em 22 de outubro de 1844.

Descobriram que Jesus, nesse dia, passara do Lugar Santo para o Lugar Santíssimo, a fim de iniciar o Juízo Investigativo, ou Pré-advento. A sombra se desfazia.

“O assunto do Santuário foi a chave que aclarou o mistério do desengano de 1844. Revelou todo um sistema de verdades, que formavam um conjunto harmonioso e demonstravam que a mão de Deus havia dirigido o grande movimento adventista, e ao expor a situação e a obra de Seu povo, indicava-lhe qual era seu dever dali para frente.”<sup>2</sup>

Aqueles nossos irmãos viram em Apocalipse 10:11 uma profecia da tarefa que ainda tinham que realizar, antes que Cristo voltasse. Tais descobertas bíblicas revitalizaram a fé daqueles servos de Deus.

Certamente, o engano de Miller e seus associados não foi maior que o dos discípulos, no ano 31 d.C. Quando Cristo morreu crucificado, eles ficaram realmente desapontados, porque esperavam um Messias triunfante que os libertasse social, econômica e politicamente (Luc. 24:13-21). Interpretaram erroneamente a missão messiânica, apesar de todas as orientações a respeito, recebidas do Céu (Gên. 3:15; Isaías 53; Dan. 9:24-27; Mat. 16:21).

E surge a pergunta: Por que, finalmente, Deus deixou que o milerismo avançasse com tanto êxito e permitiu o desapontamento? O Senhor desejava chamar a atenção das multidões para o grande Dia da Expição antitípica que se iniciou em 22 de outubro de 1844.

### Uma mensageira

No contexto histórico do fim dos 1.260 anos, encontra-se a predição de Apocalipse 12:17: “Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus.”

Por essa época, surgiria então um remanescente que seria caracterizado pela guarda dos “mandamentos de Deus” e a posse do “testemunho de Jesus”. De acordo com as

palavras encontradas em Apocalipse 19:10, “o testemunho de Jesus é o espírito de profecia”, ou o dom de profecia.

Creemos, e com sólida base bíblica, que esse dom de profecia foi manifestado na Igreja Adventista do Sétimo Dia através da vida e do ministério de Ellen G. White.

O Senhor agraciou-a com a primeira visão, exatamente em dezembro de 1844. As quase cem mil páginas de conselhos inspirados que ela escreveu, nos conduzem à Bíblia, ajudamos a interpretá-la e a aplicar seus princípios às diversas situações que enfrentamos e deveremos enfrentar individualmente e como Igreja. Todo esse legado de orientações divinas tem contribuído grandemente para tornar a Igreja vitoriosa diante das crises que tem enfrentado ao longo de sua trajetória.

### Uma mensagem

A Igreja Adventista é portadora de uma mensagem especial para o mundo. Como numa cápsula, ela está contida em Apocalipse 14:6-12: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua e povo, dizendo em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas. Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição. Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem, e recebe a sua marca na frente, ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem, e quem quer que receba a marca do seu nome. Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.”

Não é nosso propósito, neste artigo, entrar nos pormenores dessa porção escriturística. Nela estão contidos o evangelho eterno, o Juízo Pré-advento, a partir de 1844; uma admoestação contra a apostasia generalizada, uma advertência quanto aos resultados

que experimentarão aqueles que recebem a marca da besta e, finalmente, a obediência aos mandamentos de Deus como fruto da fé em Jesus Cristo.

Como Igreja, devemos dar à trombeta o som certo. O portador de tão urgente e significativa mensagem não deveria ser diluído pelo desejo de receber o aplauso dos homens da Terra. Jamais deveremos permitir, portanto, que o secularismo se imiscua em nossas fileiras.

### Uma missão

**S**abemos que os três anjos do Apocalipse não devem ser compreendidos no sentido literal. Os anjos celestiais não serão designados para ocupar o nosso lugar na transmissão da mensagem de salvação em Cristo, embora possam fazê-lo muitíssimo bem. Esses três anjos apocalípticos são simbólicos, e representativos da tarefa evangelizadora que a Igreja deve levar a cabo.

Através de sua história, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem evidenciado um desenvolvimento na compreensão da idéia missiológica. Neste avanço crescente são percebidos cinco estágios ou períodos, conforme veremos:

Primeiramente, de 1844 a 1852, os crentes adventistas entendiam que a missão estava limitada aos mileritas. Posteriormente acreditou-se, durante os anos 1852 a 1874, que a missão estava restrita à América do Norte. Ampliando um pouco mais a compreensão, entre 1874 e 1901, a Igreja acreditou que a missão devia ficar circunscrita aos países cristãos. Só durante os anos 1901 a 1950, a Igreja aceitou a idéia de missão a todo o mundo. E, a partir de 1950, esforços têm sido envidados no sentido de sistematizar a missão.<sup>3</sup>

É nesse último período que estratégias têm sido elaboradas a fim de alcançar muçulmanos, ou levar o evangelho aos judeus, por exemplo. A Igreja mundial tem sido desafiada por projetos tais como “mil almas por dia”, durante os “Mil Dias de Colheita”, ou “Alcançar os Não Alcançados”, no projeto “Colheita 90”.

Atualmente, o plano de “Missão Global” é o grande desafio que está diante de todos nós. Há uma tarefa inconclusa, que deve ser terminada. Devemos penetrar em bairros, cidades, povos, nações e grupos étnico-lingüísticos, onde não existe ainda a presença adventista.

**A** missão é responsabilidade de todos os que fomos redimidos pelo sangue de Cristo e aceitamos Sua soberania. “A missão primária corresponde a Deus, porquanto foi Ele quem enviou os profetas, Seu Filho e o Espírito Santo. Dentre todas as tarefas desempenhadas, a do Filho é fundamental em virtude de ser a culminação do ministério dos profetas, e porque compreendia, em si mesma, como o clímax, o envio do Espírito. E, agora, o Filho envia assim como Ele mesmo foi enviado. Durante Seu ministério público, comissionou, primeiramente, apóstolos, e depois os setenta, como uma espécie de extensão do Seu próprio ministério de pregação, ensino e cura. Logo, após Sua morte e ressurreição, ampliou o alcance de Sua missão, a fim de incluir a todos os que O reconhecem como Senhor e que se consideram Seus discípulos.”<sup>4</sup>

Recebemos de Deus uma incumbência: “A Igreja é o meio assinalado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e sua missão é a de anunciar o evangelho ao mundo.”<sup>5</sup>

Enquanto cumprimos nossa missão, projetando-nos do passado ao futuro, é oportuno que nos perguntemos: “Onde vamos estar, daqui a 150 anos?” Esperamos estar no Lar celestial. “Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.” (Rom. 8:22 e 23).

Hoje, 150 anos desde 1844, temos novamente a oportunidade de refletir e reconsecrar nossa vida a Cristo, a quem esperamos contemplar voltando brevemente. Sim, esta é a oportunidade de renovar nosso compromisso com a missão de anunciar Sua salvação e Seu iminente retorno à Terra.

#### Referências:

1. Richard A. Schaefer, *Legacy*, Mountain View, Califórnia: Pacific Press Association, 1977, pág. 33.
2. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 476.
3. Werner Vyhmeister, *Misión de la Iglesia Adventista*, SALT, 1980, págs. 36 a 60.
4. John R. W. Stott, *La Misión Cristiana Hoy*, Buenos Aires, Ediciones Certeza, 1977, pág. 26.
5. Ellen G. White, *Serviço Cristão*, pág. 20.

# O dilema do aborto

MARTIN WEBER

*Editor associado da revista Ministry*

**P**alm Spring, Califórnia, é o cenário dos folguedos das férias de Primavera para milhares de estudantes universitários da Costa Oeste americana. Durante a Semana Santa de 1989, a polícia não conseguia controlar os problemas de embriaguez, nudismo, e uma rebeldia implacável. Mais de mil estudantes foram aprisionados antes que se restaurasse a ordem nessa comunidade do deserto.

Enquanto isso, a 176 quilômetros, em Los Angeles, um número igual de pessoas também foram aprisionadas e trancafiadas num cárcere. Não por estarem embriagadas, nem por comandar ou participar de alguma baderna; eram cristãos que oravam e cantavam em uma passeata contra a morte de bebês através do aborto.

Será que existe algum outro problema de moralidade que divida tanto a sociedade como o aborto? Muitos o consideram a maior preocupação moral de nosso tempo. A Igreja Adventista do Sétimo Dia deve chegar a um acordo a respeito dessa importante questão.

## Tomando posição

**A**queles que defendem a sobrevivência dos bebês que ainda não nasceram se autodenominam "pró-vida", enquanto os que defendem os direitos da mulher, no sentido de controlar seu corpo, autoproclamam-se "pró-escolha". Qual será a nossa posição? Muitos cristãos permanecem confusos quanto ao lado do qual se posicionarão, em relação ao aborto. Outros irmãos e irmãs estão assumindo determinadamente posições opostas em uma irada e desesperada luta.

Inicialmente, quero afirmar a sinceridade que tenho encontrado em ambos os lados do debate sobre o aborto, tanto dentro como fora da Igreja. Preocupo-me, no entanto, ao descobrir que pessoas muito racionais e equilibradas em outros assuntos, e que podem ser encontradas nos dois lados do debate, insistem em denegrir qualquer outra pes-

soa que tenha convicções diferentes das suas. Considero particularmente alarmante que extremistas de ambos os lados deleitem-se em vilipendiar seus oponentes com expressões degradantes, bem ao estilo nazista.

A controvérsia intensificou-se a partir de 1973, quando a Suprema Corte dos Estados Unidos proclamou sua memorável decisão de legalizar o aborto. Desde então, muitos cristãos da América do Norte lutam por invalidá-la. Outros crentes, igualmente sinceros, unindo-se com ativistas seculares, empreendem esforços em todos os Estados, no sentido de preservar a legalidade do aborto.

Essa divergência não pode ser resolvida com soluções de caráter simplista. Os cristãos judiciosos valorizam a vida como um dom sagrado de Deus, mas também entesouraram a liberdade religiosa com sua liberdade de consciência. Não é estranho que muitos se encontrem confusos entre as duas posições opostas.

Porventura seria possível sustentar as duas posições ao mesmo tempo? Como poderiam ser harmonizadas? Creio que isso é possível, num espírito tranquilo, e precavido, de compreensão cristã.

## Implicações

**A** questão, porém, abrange muito mais do que parece fazê-lo à primeira vista. O aborto implica muito mais do que a mera interrupção da gravidez. Tem-se convertido num estilo de vida preferido de muitas pessoas em nossa sociedade. Traduz a maneira pela qual agem diante de qualquer problema que enfrentam na vida. Há problemas na escola? Sim. Então, por que estudar como um escravo? Melhor é abortar a educação. Essa é a atitude do menor esforço, tão comum na atualidade. Há problemas no trabalho? Sim. Então, aborte-se o trabalho. A união matrimonial converteu-se num beco sem saída? Apele-se para o divórcio, abortando os votos matrimoniais. Sente-se alguém vacilante em sua experiência religiosa? Então enverede

pelo caminho do menor esforço e aborte seu relacionamento com Jesus.

É fácil compreender que o aborto é uma tentativa de evitar as conseqüências de nossas ações. Quem considera o aborto como uma forma de controle de natalidade, contradiz uma verdade da Escritura, ensinada muito claramente desde o Gênesis até o Apocalipse: “Não vos enganeis; de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne, da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito, do Espírito colherá vida eterna.” (Gál. 6:7 e 8).

Não cabe aqui nenhuma dúvida. A Bíblia diz que colheremos o que semearmos. Porém a prática do aborto, como controle de natalidade, tenta obscurecer este fato fundamental da vida, impedindo a pulsação de um coração humano.

Consideremos, por exemplo, o caso de uma adolescente popular, que amava os divertimentos, membro de uma igreja da qual fui pastor. Vamos chamá-la de Jennifer. Sua busca ansiosa por felicidade conduziu-a a uma gravidez prematura. A solução parecia extremamente simples para seus pais, excessivamente indulgentes: tirar a filha daquele enredo – e salvar a reputação da família – com um aborto. Afinal, por que uma família bem conceituada teria que sofrer as conseqüências de uma longa e destrutiva gravidez?

Realizar um aborto é sempre um evento traumático – uma realidade que escapa a muitos ativistas do grupo defensor da vida. Permanece, entretanto, o fato de que a interrupção instantânea de uma gravidez constitui a rota mais fácil e rápida em direção à normalidade. Essa foi a solução pela qual Jennifer e seus pais optaram.

Infelizmente, depois de abortar seu problema, Jennifer não aprendeu a lição. No próximo período de férias, apareceu grávida novamente. E no próximo, de novo. Foram quatro abortos antes de completar 21 anos.

Em algum ponto desse caminho deixou também de freqüentar a igreja. Quando assumi o distrito, ela já havia abortado igualmente o cristianismo com suas normas restritivas.

Pergunto-me o que teria acontecido se Jennifer tivesse encarado a realidade, não praticando o primeiro aborto. Nove meses de gravidez teriam sido difíceis, mas esse trauma poderia ter-lhe dado a oportunidade de aprender uma das lições mais importantes da vida: a de que devemos enfrentar as conseqüências de nossos atos.

### A sociedade e os valores

O sistema de valores da nossa sociedade está envolvido numa terrível confusão. Pensemos por um momento. Imagine-mos um golfinho nadando alegremente dentro do ventre de sua mãe. Pode estar seguro de que os manifestantes dos movimentos ecológicos, do tipo “salvemos os golfinhos”, defenderiam furiosamente seu direito à vida. Porém os mesmos ativistas que se mostram tão militantes pela preservação da vida dos golfinhos nos mares, não mostram igual preocupação por um ser humano que está num ventre humano.

Estranho? É a religião do humanismo secular.

O cristianismo, por outro lado, avalia a vida como um dom de Deus. Um dom tão sagrado, que Ele deu Sua própria vida para preservá-lo. Portanto, o que devemos decidir é se um feto é, na realidade, um ser humano vivo ou não. E se é um ser humano vivente, devemos perguntar-

nos: Que fez ele para merecer a morte?

Alguns pensam que um bebê que ainda não nasceu, não está vivo realmente. Mas, na verdade, um feto já é um consumidor de oxigênio como qualquer outro ser, desde o ventre de sua mãe. É certo que é necessária a ajuda da mãe, para que seja processado esse oxigênio mantenedor da vida, mas muitos adultos que estão sendo operados também precisam de ajuda para respirar. Sem o

---

O cristianismo  
avalia a vida  
como um  
dom de Deus.  
Um dom tão sagrado,  
que Ele deu Sua  
própria vida para  
preservá-lo.

---

respirador automático, morreriam. Por acaso, deixariam de ser seres humanos, durante a operação, simplesmente porque não podem respirar por si mesmos?

Mesmo depois que nasce, há muitas coisas que um bebê não pode fazer sozinho, pelo menos imediatamente. Não pode alimentar-se por si mesmo, não pode trabalhar, nem mesmo dar uma volta sobre seus pés. É óbvio que a incapacidade de valer-se sozinho nada tem a ver com a condição de pessoa.

Existem idosos e incapacitados fisicamente que não podem viver sem ajuda externa. Quer isso dizer que não são pessoas reais? De maneira alguma. Esse tipo de raciocínio foi a origem da “solução final” de Hitler. Os nazistas consideravam demasiado custosos os membros dependentes da sociedade, os “consumidores de alimentos”. Algumas mentes bastante cuidadosas ponderaram o incrível custo de mais de 25 milhões de vidas que não nasceram, e sofrem só de pensar se não estariam cometendo um holocausto pelo mundo afora.

A verdade é que um bebê, antes de nascer já possui todos os sinais de humanidade bem definidos no primeiro trimestre de vida fetal. Possui um corpo perfeitamente formado, com órgãos funcionando. Perto dos primeiros 25 dias da concepção – antes mesmo que a mãe saiba que está grávida –, já está bombeando sangue. Esses bebês têm capacidades assombrosas que a ciência apenas está começando a apreciar. Já possuem sua própria personalidade. Podem reconhecer a voz da mãe. Não admira que quando uma mãe viola as leis não escritas do instinto, abortando seu bebê, sinta o aguilhão da culpa durante muitos anos no futuro.

Os que apóiam a posição “pró-escolha”, com o propósito de tornar fácil o aborto para a mãe, vão demasiado longe em sua negação de que ao praticá-lo esteja-se tirando a vida de um ser humano. Por exemplo, a declaração sobre o aborto, feita por uma Igreja,

menciona a “interrupção” da gravidez. É como se disséssemos que John Wilkes Booth simplesmente “interrompeu” a vida do presidente Lincoln.

### Quando começa a vida

**P**odemos discutir longamente a respeito de quando a vida tem início, porém o ônus da prova pertence a quem invade a madre e põe fim a essa vida. Obviamente uma curta viagem através do canal do nascimento não converte um feto despersonalizado num ser humano; a vida deve começar antes disso. Alguns assinalam a passagem de um trimestre a outro, porém não existe uma transformação mágica de uma divisão do tempo entre tais períodos. A posição mais lógica e natural é que a vida

começa na concepção. A partir desse momento, até o estado adulto, há um crescimento e amadurecimento contínuos.

Pensemos por um momento naquilo a que chamamos feto. Se não possui vida, como se explica a existência de um coração que pulsa? Se não é um ser humano, a que classe pertence? Se não é um bebê, por que chupa o dedo?

Há algo mais que deve ser considerado. Se antes de nascer um bebê não é um ser humano vivente, onde estava Jesus Cristo quando Maria estava grávida? Deixou de existir durante nove meses? Não há necessidade de tentar adivinhar. A Escritura diz que Maria “achou-se grávida do Espírito Santo” (Mat. 1:18). O Deus eterno era um bebê vivente e real, dentro da madre.

Em vários lugares, a Bíblia se refere aos fetos como sendo pessoas. Assim foi quando Isabel saudou a Maria: “Ouvindo esta saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre; então Isabel ficou possuída do Espírito Santo.” (Luc. 1:41).

Segundo a Bíblia, o que Isabel trazia em seu ventre era um bebê. Não era uma massa de tecido fetal em desarranjo, mas um bebê saltitante. À luz da evidência, tanto bíblica

---

À luz da evidência,  
tanto bíblica  
como biológica, não  
podemos escapar  
à convicção de que um  
aborto termina  
com uma  
vida humana.

---

como biológica, não podemos escapar à convicção de que um aborto termina com uma vida humana. Não temos o direito de deter o pulsar desse precioso coração.

### Direitos do feto

**A** Escritura defende explicitamente os direitos dos bebês ainda no ventre materno. Nos dias do Velho Testamento, se um assaltante golpeasse uma mulher e lhe provocasse um parto prematuro, era multado. Porém se a vida do feto fosse tirada, a sentença era a morte: “Mas se houver dano grave, então darás vida por vida.” (Êxodo 21:23).

Para muitos ateus e agnósticos, um bebê que ainda não nasceu não é mais que um tecido fetal que se revolve dentro da madre, símbolo do processo evolutivo. Tal negação da vida que Deus nos tem outorgado viola o sexto mandamento, e também o quarto. O mandamento do sábado requer respeito à vida criada. O aborto, ao sabotar a vida de Deus na madre, mina o caráter do sábado. Na realidade, o aborto confere ao bebê o valor moral de um tumor. “Desfaça-se disso da forma que lhe agrade”, parece ser o triste veredicto.

As feministas radicais advertem: “Tirem as mãos do meu corpo!” Bem, se Deus acha conveniente conceder vida aos bebês que ainda estão no ventre, não deveríamos nós também retirar as nossas mãos, de seus corpinhos?

Jesus disse de si mesmo: “... o Filho vivifica a quem quer.” (João 5:21). E também declarou: “... e tenho as chaves da morte e do inferno.” (Apoc. 1:18). A prática do aborto atropela a vontade de Deus para esse bebê, dando aos seres humanos a prerrogativa de determinar a vida ou a morte. O aborto, na realidade, faz com que meros mortais se arroguem o papel de Deus. Será o caso de os defensores do aborto estarem promovendo a obra do diabo?

**C**reio que há poderosas razões para adotar a posição favorável à manutenção da vida. Mas, e o outro lado? Que dizer sobre a liberdade de escolha? O direito de decidir? Podemos, evidentemente, adotar essa posição, levando em conta que a mulher pode escolher até o momento da relação sexual. Se a mãe se envolve voluntariamente em relacionamentos que resultam na concepção, não está, porventura, exercitando sua liberdade de escolher?

Não existe algo como uma liberdade de escolha ilimitada. A liberdade pessoal não pode violar os direitos de outra pessoa. Noutras palavras, sua liberdade de balançar o braço termina onde começa meu nariz. E o direito de uma mulher sobre seu corpo termina onde começa o corpo do bebê. O fato de que esse bebê ainda não possa defender-se não quer dizer que não possua direitos.

Porém, e quanto à gravidez resultante de incesto ou violação? Tais casos merecem consideração especial, posto que a mãe não teve a oportunidade de exercer sua legítima liberdade de escolha. Por que deveria ela ver-se obrigada a carregar as consequências do crime de outra pessoa? Por isso, muitos que normalmente se opõem ao aborto aprovam tal opção em casos de gravidez forçada. Sendo que a mãe ficou grávida sem que fosse uma decisão sua, não deveria ter o direito de defender-se contra tal intromissão? Por que haveria de colher o que não semeou?

Existe ainda a questão de se fazer

um aborto para salvar a vida da mãe. Esses casos são relativamente raros, porém, ocasionalmente, os médicos têm que fazer frente ao terrível dilema de decidir quem deve viver – a mãe ou a criança. Em tais situações o aborto é o único caminho para preservar a vida que é o objeto de nossas preocupações aqui.

---



---

**Não existe algo como  
liberdade de  
escolha ilimitada.  
A liberdade pessoal não pode  
violiar os direitos  
de outra pessoa.  
O direito da mulher sobre o  
seu corpo termina onde  
começa  
o corpo do bebê.**


---



---

Neste ponto, devemos aventurar-nos em uma área especialmente delicada. E se o feto for verificado geneticamente inválido? Muitas vezes, quando há um caso assim, o corpo da mãe resolve a crise por meio de um aborto involuntário. Porém, suponhamos que Deus ache conveniente que o bebê se desenvolva. Quem somos nós para decidir se sua qualidade de vida é digna de que enfrentemos o problema de ter um inválido?

Muitas pessoas inválidas desfrutam de uma vida profundamente satisfatória. Sabemos que o famoso compositor Beethoven sofria de defeitos congênitos tais, que os médicos do Século XX teriam recomendado o aborto. Os amantes da música de todo o mundo, no entanto, devem estar agradecidos porque a mãe de Beethoven não o fez.

Sei que estamos tratando de questões delicadas e controvertidas aqui. É possível que alguém se levante argumentando que a vida é tão sagrada, que nenhum ser humano tem o direito de escolher o aborto sob nenhuma circunstância. As respostas não são fáceis, porém, depois de debatermos o que fazer em caso de estupro, incesto, incapacidade genética e a salvação da vida da mãe,

digamos algo sobre a vasta maioria dos abortos, nos quais uma mãe saudável se desfaz de um bebê saudável, por escolha própria. Poderíamos relevar imediatamente a sociedade da carga de mais de 95% de seus abortos. Havendo conseguido isso, poderíamos continuar discutindo a ética do aborto nessas outras situações.

### Conclusão

Estas são as minhas convicções sobre o aborto. Tendo sido um pastor distrital no passado, conheço algo das angústias que sofrem as mulheres quando estão considerando um aborto. Necessitam compaixão, não condenação. E se fazem a valente e corajosa decisão de preservar a vida que trazem dentro de si, a crise ainda assim não cessa. Na verdade, apenas começa. Elas necessitam ajuda para trazer seus filhos ao mundo e juntar os pedaços de suas vidas. A

Igreja tem a solene responsabilidade de colocar-se ao lado destas mulheres que sofrem.

George Lawson, adventista leigo da Califórnia, fundou a organização *Loving Options*, que é um ministério em favor das mulheres que passam pela crise de uma gravidez indesejada. Profissionais cristãos qualificados dedicam tempo voluntariamente na clínica, oferecendo conselhos e serviços médicos a mulheres que desejam outras opções, não o aborto, para a situação. Como eu desejaria que a *Loving Options* existisse há onze anos, para ajudar a Jennifer, aquela adolescente envolvida em problemas, numa igreja que pastoreei! Junto com serviços médicos e outras ajudas, também ela teria alimento espiritual. Poderia ter ouvido algo como:

"Jennifer, entenda que Deus lhe ama, apesar de seus erros. Ele tem um plano especial para sua vida, e para a vida do pequeno bebê que você traz dentro de si. Provavelmente, você não possa prover-lhe um lar, porém muitos casais sem filhos estão orando noite após noite diante de um berço vazio. Ao confiar-lhes o bebê a seus cuidados, estará trocando seu peso pelo dos mais anelados sonhos deles.

"Talvez você se sinta culpada pelos abortos que já fez. Simplesmente confesse seus pecados a Jesus e peça-Lhe o dom do perdão. Todos nós somos culpados de muitos pecados e dignos de morte. A Bíblia diz que todos nós nos desgarramos como ovelhas, cada um seguindo

---

Na cruz, Cristo pagou o preço total da nossa redenção. Além do perdão, Deus concede nova vida, livre de relações pecaminosas e que trazem amargura.

---

seu próprio caminho. Porém, graças a Deus, Ele colocou sobre Cristo crucificado a iniquidade de nós todos.

"Sim, Jennifer, Jesus pagou o preço total de nossa salvação. Agora podemos estar limpos diante de Deus, como se nunca houvésssemos pecado. Como se fizéssemos tudo sempre perfeito! E Deus não apenas nos perdoad e nos considera perfeitos, como nos dá uma nova vida, livre de relações pecaminosas e que nos trazem amargura."

Gostaria de informar que Jennifer retornou para Jesus e para a Igreja. Essa seria uma linda maneira de terminar a história. Ainda não fez uma decisão definitiva, mas, pelo menos, já aprendeu que abortar seus problemas não é a forma de resolvê-los.



# Por que o juízo ainda não terminou?

RUBEM MILTON SCHEFFEL

Editor de livros da Casa Publicadora Brasileira

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

BIBLIOTECA

TATUI

**N**osso primeiro dia no Céu será cheio de surpresas. Ao sermos apresentados uns aos outros, durante as bodas do Cordeiro, notaremos que não se acham presentes muitas pessoas que tínhamos certeza de encontrar lá. Inclusive alguns pastores.

Por outro lado, será difícil esconder o espanto ao vermos que alguns indivíduos, que pelas nossas contas jamais deveriam estar ali, estão. Como explicar a ausência de alguns "santos" e a presença de certos "pecadores" no mar de vidro?

Uma dessas pessoas espantadas é o profeta Isaias. Ele acaba de descobrir que o rei Manassés, filho do rei Ezequias, está entre os salvos. Manassés, como sabemos, foi um rei ímpio, que erigiu altares para praticar a idolatria, mandou sacrificar um dos seus próprios filhos, perseguiu os que eram fiéis ao verdadeiro Deus, e segundo a tradição, mandou serrar ao meio o profeta Isaias.

Isaias só poderia estar espantado com a presença de Manassés entre os salvos. Como teria acontecido isso? Não teria havido algum engano?

Estêvão, o primeiro mártir, é outro que não esconde a sua admiração. Não muito longe dali, assentado à mesa, está alguém que ele já vira antes. Com um pequeno esforço de memória ele se lembra de que pouco antes de morrer vira um jovem segurando as capas daqueles que o apedrejavam. Sim, é ele mesmo! É Saulo, o feroz perseguidor dos cristãos! "Como será que ele chegou aqui?", pergunta-se Estêvão.

Como Isaias e Estêvão, há outros remidos que também gostariam de esclarecer algumas dúvidas. Há uma porção de pessoas ausentes, e eles gostariam de saber por que elas não estão lá, já que freqüentavam regularmente as reuniões da igreja, inclusive os cultos de quarta-feira, davam o dízimo fielmente, faziam muitas obras de caridade e ti-

nam aparência de piedade. O que aconteceu com tais pessoas?

É por causa dessas e outras perguntas que é necessário um Juízo Investigativo anterior ao advento de Cristo. Todas as dúvidas serão sanadas ao abrirmos os livros de registro e verificarmos que Deus foi absolutamente justo em cada caso.

Segundo as profecias bíblicas, o Juízo Investigativo começou no santuário celestial, no final do período das 2.300 tardes e manhãs, ou seja, no dia 22 de outubro de 1844. Isso significa que o juízo está em pleno andamento agora.

## Abrem-se os registros celestiais

**O** Juízo Investigativo, ou Juízo Pré-Advento, é a primeira fase do Juízo Final. A segunda fase é a de revisão do julgamento dos maus, e é chamada de Juízo Milenial, porque, como o nome já diz, será efetuada durante o Milênio, pelos remidos, a fim de verificarem por que os perdidos não se salvaram. E a terceira fase, que é o Juízo Executivo, se dará no final do Milênio, quando o fogo destruirá os maus e purificará a Terra.

A cena desse juízo é descrita em Daniel 7:9 e 10:

"Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de dias Se assentou; Sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça como a pura lã; o Seu trono era chamusca de fogo, cujas rodas eram fogo ardente.

Um rio de fogo manava e saía de diante dEle; milhares de milhares O serviam, e miríade de miríade estavam diante dEle; assentou-se o tribunal, e se abriram os livros."

Estes versos apresentam uma cena de julgamento, com todos os elementos que o caracterizam. O "Ancião de dias" é uma referência óbvia a Deus, o Pai, que haverá de

presidir ao juízo. Os “milhares de milhares” que O serviam constituem uma referência aos anjos, que desempenham as funções de “ministros e testemunhas”. (SDABC, vol. 4, pág. 828.) Jesus, nessa fase, atua como nosso Advogado.

E então, diz Daniel, “assentou-se o tribunal, e se abriram os livros”.

Assim como os julgamentos terrestres estão baseados nos autos de um processo, o julgamento divino também está baseado nos registros infalíveis dos livros celestiais. No livro de Eclesiastes, o sábio declara: “Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más.” Está tudo fielmente escrito ali.

Certa vez um irmão, ao passar a lição geral na Escola Sabatina, disse: “Nós acreditamos que quando um membro é excluído do livro da igreja, Deus também riscou o seu nome do livro da Vida.”

Em primeiro lugar, e certamente sem querer, aquele irmão defendeu uma idéia esposada pela Igreja Católica, que acredita estar investida da autoridade de decidir o destino eterno dos seus membros, baseada numa interpretação errônea das palavras de Cristo em Mateus 16:19: “E o que desligares na terra, terá sido desligado nos céus”. Durante vários séculos a Igreja manteve seus membros sob submissão forçada, porque estes temiam ser excomungados e nesse caso perder a salvação. Mas é bom saber que Deus jamais delegou tal autoridade a terceiros.

Em segundo lugar, essa idéia se torna absurda ao pensarmos que se a Igreja cometer uma injustiça, e excluir indevidamente um membro, Deus ficaria obrigado a cometer o mesmo erro no Céu, riscando indevidamente tal nome do Livro da Vida.

Em terceiro lugar, não se pode aceitar esse conceito porque ele se choca frontalmente com a doutrina bíblica do Juízo Investigativo.

Vamos exemplificar: Se eu cometer homicídio ou adultério, serei excluído da igreja. Mas será o meu nome eliminado do Livro da Vida por causa desse ou desses pecados? Note que foram exatamente esses os pecados cometidos por Moisés, Abraão e Davi. Se eles vivessem hoje, e fossem membros da igreja, seriam excluídos.

Mas o que fez Deus? Riscou o nome desses três servos Seus do Livro da Vida? De

maneira nenhuma. Antes, enviou-lhes uma mensagem de arrependimento. Eles se arrependeram e foram reintegrados no favor divino. Enquanto Moisés já se acha desfrutando vida eterna, Abraão e Davi aguardam no pó da terra o cumprimento das promessas, conforme Hebreus 11.

Ter o nome riscado do Livro da Vida significa estar perdido eternamente. Porque o Livro da Vida não é como o livro da igreja, em que o indivíduo pode ser registrado e riscado inúmeras vezes. Sei de um irmão que já foi cortado da igreja e readmitido sete vezes!

No Livro da Vida, porém, um nome é registrado apenas uma vez. E se tiver que ser riscado é riscado também apenas uma vez, e em caráter definitivo.

E quando é que um nome é riscado do Livro da Vida? Durante o Juízo Investigativo! É para isso que serve o juízo – para investigar se a pessoa que uma vez aceitou a Jesus Cristo como seu Salvador pessoal, e teve nessa ocasião o seu nome registrado no Livro da Vida, perseverou na fé ou apostatou. Se perseverou até o fim (Mat. 24:13), se foi fiel até a morte (Apoc. 2:10), seu nome não será apagado. Caso contrário, esse nome será então, e somente então, definitivamente riscado. Vejamos o que diz a Sra. White:

“Quando nós nos tornamos filhos de Deus, nossos nomes são escritos no Livro da Vida do Cordeiro e lá permanecem até o tempo do Juízo Investigativo... se naquele dia for evidente que não nos arrependemos completamente de todos os nossos maus atos, nossos nomes serão apagados do Livro da Vida...” – SDABC, vol. 7, pág. 987.

Vamos imaginar dois exemplos, para ilustrar. Saul foi ungido rei de Israel. Pertencia ao povo de Deus. O seu nome foi registrado no Livro da Vida. Entretanto, no final de sua vida, Saul afastou-se de Deus e acabou pecando contra o Espírito Santo. Mas o seu nome permaneceu no Livro da Vida até o Juízo Investigativo.

Digamos que em 23 de abril de 1895 o caso de Saul tenha sido julgado. Verificou-se que, embora tivesse anteriormente pertencido ao povo de Deus, acabou se desviando, pecou contra o Espírito Santo, e morreu em seus pecados. Somente então, no dia 23 de abril de 1895 é que o seu nome foi riscado do Livro da Vida.

Digamos também que em 12 de setembro de 1870 tenha sido julgado Abraão. Quando Abraão aceitou o chamado divino, o seu

nome foi registrado no Livro da Vida. Ao longo de sua peregrinação na Terra, Abraão cometeu alguns erros e pecados, mas se arrependeu, perseverou em sua fidelidade a Deus, e finalmente morreu na fé. Nesse dia, quando o seu caso foi julgado, seu nome não foi riscado, mas mantido no Livro da Vida, garantindo-lhe a salvação.

Os que nunca aceitaram a salvação, nunca foram registrados no Livro da Vida, e sim no Livro da Morte, onde estão registradas as suas obras más. Por isso eles não passam pelo Juízo Investigativo, pois estão automaticamente condenados.

“Quem nEle crê não é julgado; o que não crê já está julgado.” (João 3:18).

Em outras palavras: quem crê, passa pelo Juízo Investigativo, mas não pelo Juízo Milenial. Por outro lado, o que não crê, não passa pelo Juízo Investigativo. Vai direto para a condenação do Juízo Milenial, onde seu caso será revisado antes de receber a sentença final. Os remidos examinarão os registros dos perdidos e saberão por que eles se perderam.

### Primeiro os mortos da casa de Deus

**V**amos examinar agora quem está sendo julgado neste momento. Em I Pedro 4:17 lemos: “Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada.” Hebreus 9:27, Apocalipse 11:18 e 20:12 complementam essa declaração afirmando que o juízo é após a morte.

O apóstolo Paulo afirma que “todos compareceremos perante o tribunal de Deus” (Rom. 14:10), mas Apocalipse 20:12 deixa claro que este “comparecimento” não é pessoal, pois estaremos mortos nessa ocasião. Desde 1844 o Livro da Vida se acha aberto, no Céu, e quando, após nossa morte, o nosso nome for considerado, estaremos “comparecendo” perante o tribunal de Deus.

Observe a expressão “mortos... postos em pé diante do trono”. Obviamente, esta é uma descrição que não pode ser interpretada literalmente. São os registros de nossa vida que comparecem diante de Deus. A última parte do versículo deixa claro este ponto: “E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros.”

Ellen White confirma este fato ao dizer: “Os justos mortos... não estarão presentes em pessoa no tribunal em que seus registros

são examinados e decidido seu caso.” – *O Grande Conflito*, pág. 482.

O julgamento dos mortos, portanto, é uma separação de nomes nos livros de registro do Céu.

Algumas pessoas acreditam que todo indivíduo é julgado e recebe sua recompensa imediatamente após a morte. Mas o fato de haver uma sessão especial de julgamento, aponta para sua realização numa época específica, quando todos serão julgados, e não para pequenas e freqüentes sessões, nas quais cada um é julgado individualmente ao morrer.

Os textos citados de Hebreus e Apocalipse declaram que o julgamento é após a morte, e algum tempo após a morte. Não em seguida. Por que será?

Porque, quando morre alguém, sua vida termina, mas sua influência continua. Portanto, parece mais razoável que o juízo seja postergado até que todos os fatos estejam reunidos, e se possa chegar então a uma estimativa correta. A morte de Estêvão, por exemplo, contribuiu para a conversão posterior de Paulo.

Por isso Deus estabeleceu uma data para o julgamento dos mortos, a fim de revelar aos seres celestiais quem dormiu em Cristo e deverá ressuscitar na primeira ressurreição. Isso não impede, porém, que a última geração de crentes seja julgada ainda em vida, pois é preciso lembrar que haverá um grupo de remidos que não passará pela morte. Assim, o Juízo Investigativo revela também quem, dentre os vivos, que aceitou a salvação em Cristo, permanece em Cristo, estando, portanto, preparado para a transladação.

Então o Juízo começou com os mortos, a partir de Abel, em 22 de outubro de 1844. Isso significa que no próximo dia 22 de outubro completaremos 150 anos de Juízo Investigativo, em que apenas os mortos estão sendo julgados. E a pergunta que surge é a seguinte: “Por que será que o julgamento dos mortos ainda não terminou?” Se fosse a justiça brasileira que tivesse de julgar toda essa gente, não seria de admirar que estivesse demorando. Mas a justiça celestial deve ter gente suficiente para esse trabalho, equipamento e todas as informações necessárias. Por que está demorando tanto? E quanto tempo ainda vai demorar?

É o seguinte: embora o tribunal divino tenha diante de si uma tarefa gigantesca, que é

a de julgar bilhões de mortos, o julgamento ainda não terminou porque há pessoas morrendo todos os dias. Em média, 138.000 pessoas morrem cada dia, no mundo todo, ou aproximadamente 50 milhões por ano. Em 1992, morreram 34.136 adventistas, o que dá uma média de 94 adventistas mortos por dia.

Então, o fato de que o julgamento começou com os mortos, não significa que haja um número fixo de mortos para serem julgados. Não. Esse número aumenta quase 140.000 pessoas por dia.

É verdade que desses 140.000 que morrem cada dia, nem todos serão julgados agora. Somente os que aceitaram a salvação em Jesus. Os outros, como já dissemos, já estão condenados, e só serão julgados durante o Milênio, para que cada um receba de acordo com as suas obras (Apoc. 20:12). Mas ainda assim, deve haver um bom número, cada dia, que precisa ser julgado.

### Quando o juízo passará aos vivos?

Já dissemos que o juízo dos mortos começou em 1844, e “quando esta obra se completar, o juízo deve ser pronunciado sobre os vivos” (Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 125).

E quando o juízo passará aos vivos? Ellen White responde: “Breve, ninguém sabe quanto breve, passará ela (a obra do juízo) aos casos dos vivos” (O Grande Conflito, pág. 490). Ela acrescenta ainda que “a grande obra do juízo dos vivos está para começar” (Testimonies, vol 6, pág. 130). Esta declaração foi escrita em 1900.

Alguns têm-se perguntado: “E se meu nome for julgado agora, que será do restante de minha vida?” Já explicamos que o juízo é após a morte. Portanto, nenhum vivo está sendo julgado agora. Entretanto, quando o juízo passar aos vivos, pouco antes de se encerrar o tempo de graça, todos serão levados a tomar sua decisão final em relação à verdade, como consequência do desencadeamento de fatores especiais: o derramamento do Espírito Santo, a sacudidura e os sinais evidentes da proximidade da volta de Jesus.

Deus não decidirá o caso de ninguém, para a vida ou para a morte, enquanto a pessoa ainda tiver possibilidade de mudança. Só depois que todos tiverem feito a sua opção em caráter definitivo, é que se fecha a porta da graça:

“A obra do juízo que começou em 1844, deve continuar até que os casos de todos es-

tejam decididos, tanto dos vivos como dos mortos; disso se conclui que ela se estenderá até ao final do tempo de graça para a humanidade.” – *O Grande Conflito*, pág. 436.

Assim como o julgamento dos mortos é uma separação de nomes nos registros celestiais - uns para a vida e outros para a morte - assim também deverá ser o juízo dos vivos. O joio e o trigo que cresceram juntos dentro da igreja, deverão ser separados, nessa obra de purificação da Igreja Remanescente, que é a sacudidura, a qual ocorrerá imediatamente após o selamento: “Tão logo estejam os filhos de Deus selados e preparados para a sacudidura, esta virá.” - E. G. White, *SDABC*, vol. 4, pág. 1161.

Uma vez que o julgamento dos vivos é feito ao tempo do selamento dos 144.000, isto deverá ocorrer um pouco antes de serem soltos os quatro ventos de Apocalipse 7:1-4: “As taças da ira de Deus não podem ser derramadas para destruir o ímpio e suas obras, enquanto todo o povo de Deus não tiver sido julgado, e não tiver sido decidido tanto o caso dos vivos como dos mortos.” - *Testemunhos Para Ministros*, pág. 446.

É interessante notar que, da mesma maneira como a porta da graça se fechou em 1844 para os que rejeitaram a luz, mas continuou aberta para aqueles que “não viram a luz” e conseqüentemente “não tinham culpa de sua rejeição” (Mensagens Escolhidas, vol. 1, pág. 63), assim também no final do tempo, a porta da graça se fecha para uma classe de pessoas enquanto continua aberta para os que jamais haviam ouvido a verdade antes. Diz a Sra. White a esse respeito:

“O tempo dos juízos destruidores de Deus é o tempo de misericórdia para aqueles que não tiveram oportunidade de conhecer a verdade. Ternamente o Senhor os contempla. Seu coração de misericórdia é tocado: Sua mão ainda se acha estendida para salvar, enquanto a porta está fechada para aqueles que não quiseram entrar. Será aceito um grande número dentre os que nesses últimos dias ouvirem a verdade pela primeira vez.” – E. G. White, *SDABC*, vol. 7, pág. 979.

O fato de que a porta da graça se fecha para uns enquanto continua aberta para outros, indica que o fim do tempo de graça é tanto um processo como um momento cronológico, segundo Marvin Moore. O tempo de graça como um processo, isto é, em nível individual, pode se encerrar em qualquer época da vida - se eu pecar contra o Espírito

Santo, por exemplo, meu tempo de graça terá terminado. Se a pessoa aceitou a Cristo como seu Salvador e estiver viva e firme na fé durante a crise final, será selada para a vida eterna quando os filhos de Deus receberem o selo de Deus. Se o indivíduo nunca aceitou a Cristo, ou aceitou e depois apostou, ao atravessar a crise final receberá o sinal da besta e será selado para a perdição.

Em todos esses casos terá terminado o tempo de graça como um *processo*, o qual precede o fechamento do tempo de graça como um *momento cronológico*. Este último ocorre quando Cristo conclui Sua obra intercessória no santuário celestial, declarando oficialmente que as decisões humanas, tomadas anteriormente, agora são eternas e não podem mais ser mudadas.

A porta da graça como um *momento cronológico*, portanto, não se fecha de improviso e não toma a ninguém de surpresa, pois só acontecerá depois que a última alma tiver tomado a sua decisão.

É como se Cristo dissesse ao Pai: "Pai, todos os que estavam dispostos a Me aceitar, já o fizeram. Os demais Me rejeitaram. Não há mais ninguém para ser salvo. E como não há mais o que fazer, creio que devo encerrar Meu ministério sacerdotal!" - Marvin Moore, *El Desafío Del Tiempo Final*, págs. 55-58.

Cristo então depõe Suas vestes sacerdotais e com grande voz diz: "Está feito." Em seguida faz a solene declaração: "Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se."

Do exposto, podemos concluir o seguinte:

1. O juízo investigativo é realizado em duas etapas: primeiro os mortos e depois os vivos.

2. O juízo passa dos mortos para os vivos ao tempo do selamento, que precede a sacudidura. Isto significa que nenhum vivo está sendo julgado agora.

3. Ambas as fases do juízo terminam ao se fechar a porta da graça. Não haverá julgamento, quer de vivos quer de mortos, após essa ocasião, pois Cristo terá encerrado Sua obra intercessória no santuário celestial: "Cada caso fora decidido para vida ou para morte. Enquanto Jesus estivera ministrando no santuário, o juízo estivera em andamento pelos justos mortos, e a seguir pelos justos vivos." - *Primeiros Escritos*, pág. 280.

4. A porta da graça se fecha primeiramente como um processo, em nível indivi-

dual. Quando todos tiverem tomado sua decisão, para a vida ou para a morte, Cristo encerra Sua obra intercessória no santuário celestial e fecha-se a porta da graça como um momento cronológico.

### A presciência divina dispensa o juízo?

**A**lgumas pessoas têm tido dificuldade em harmonizar a presciência divina com a necessidade de um juízo investigativo, citando em seu favor o texto de II Timóteo 2:19: "O Senhor conhece os que Lhe pertencem." Ora, dizem eles, se Deus sabe quem vai se salvar e quem vai se perder, para que juízo, livro da vida, livro da morte, livro memorial e tudo o mais? Não confiamos na justiça divina?

Vamos contar uma história real, para ilustrar, e depois vamos imaginar um desfecho diferente, a fim de entendermos melhor o assunto:

Uma tarde, no ano de 1845, a pequena cidade de Mill Creek, Illinois, EUA, ficou agitada. Acabara de chegar ao local o juiz David Davis, da 8ª Vara, de Bloomington, acompanhado de vários advogados itinerantes.

Haviam se passado quase seis meses desde a última sessão do tribunal em Mill Creek, e havia agora um bom número de casos para serem julgados.

O velho Thomas Jacobs era suspeito de ter incendiado a oficina do ferreiro. Ele e o ferreiro haviam discutido, e o velho Thomas fizera sérias ameaças. Naquela mesma noite a oficina do ferreiro fora incendiada. Testemunhas afirmaram ter visto o velho Thomas perto do incêndio, rindo e batendo nos joelhos.

Depois, havia o caso da briga entre Henry Whitney e Ebenezer Bates, no bar. Whitney sacou a pistola e assassinou Ebenezer a sangue frio. Alguns diziam que Ebenezer havia provocado a briga, e que Whitney apenas se defendera, mas outros tomaram o partido de Ebenezer, dizendo que havia sido um caso de assassinato puro e simples.

Finalmente, havia o caso de Jesse Adams, que havia entrado na cidade a cavalo e assaltara a mão armada o Banco de Mill Creek. A 20 quilômetros da cidade um xerife e um policial o alcançaram e prenderam.

Além desses casos, havia as costumeiras disputas sobre divisas de propriedades, dívidas e execuções de hipotecas, processos por difamação e calúnia, e o caso de um homem chamado Silas Foster, acusado de ter roubado porcos.

Foi anunciado que o júri seria na semana seguinte, e o povo começou a trazer as suas

pendências legais. Os advogados começaram a trabalhar imediatamente nos casos que lhes foram designados, e no dia marcado o tribunal itinerante iniciou os seus trabalhos.

A cidade inteira foi para o fórum. Um a um os casos foram trazidos ao tribunal. Os advogados apartavam a cada instante. O povo ouvia tudo, via as provas apresentadas, e se convenciu de que se estava fazendo justiça.

Os jurados finalmente se retiraram para decidir e voltaram com o seu veredito – culpado ou inocente. E quando o juiz Davis sentenciou os culpados e absolveu os inocentes, a cidade ficou satisfeita. No último dia em que o juiz e seus advogados estiveram na cidade, houve um enforcamento. Henry Whitney fora julgado culpado de homicídio.

E o tribunal itinerante viajou para a cidade seguinte. Isto foi o que aconteceu em Mill Creek naquela data. Vamos agora imaginar que o julgamento desses mesmos casos tivesse sido conduzido da seguinte maneira:

Em vez de marcar a sessão do tribunal para a semana seguinte, a fim de ter tempo para examinar cada caso, o juiz determinou que o tribunal tivesse início imediato. A cidade toda foi para o fórum.

O juiz bateu o martelo no púlpito e declarou:

Thomas Jacobs – inocente

Silas Foster – inocente

Henry Whitney – culpado. Será enforcado ao amanhecer.

Jesse Adams – inocente

O júri está encerrado.

O promotor se ergueu de um salto e gritou: “O senhor não pode fazer isso! Quem o senhor pensa que é? Não se pode absolver essa gente sem um julgamento ou sentenciá-los sem provar que são culpados!”

O povo local concordou com o promotor. “Ele está com a razão”, disseram eles. “Como é que o juiz sabe quem é culpado e quem não é?”

Um dos advogados ergueu sua voz e disse:

– Vocês não confiam no juiz? O juiz conhece os inocentes, e pode absolvê-los. Ele se manteve informado lá em Bloomington, e sabe de tudo o que acontece. Ele tem as provas e não comete erros.

Mas o povo ficou ainda mais contrariado.

– O juiz pode ter as provas ou não – alegaram eles. – Mas nós não temos. Não é suficiente ele dizer que tem as provas. Elas precisam ser examinadas publicamente, antes que seja passada a sentença. Todo o júri, e não apenas o juiz, precisa ver as provas. Embora

o juiz seja de confiança, esta deve se basear numa compreensão inteligente das razões que levaram o juiz a tomar suas decisões. – Morris Venden, *Ministry*, set. 1982, págs. 14-16.

Podemos agora entender por que é necessário um julgamento, um juízo investigativo anterior ao advento?

Alguns imaginam que o propósito de um juízo anterior ao advento é dar a Deus tempo para examinar os livros, a fim de decidir quem irá ou não para o Céu. Mas Deus poderia resolver essa questão numa fração de segundo. O real propósito do juízo investigativo não é simplesmente decidir quem irá se salvar ou não. É revelar a justiça divina. Deus quer tratar a todos, justos e ímpios, de modo tão transparente, e deseja apresentar as provas de maneira tão clara, que mesmo Satanás e seus anjos, bem como os ímpios de todos os tempos, terão de admitir que Deus é justo.

Os que estiverem em Seu reino, mesmo que algum ente querido seu esteja ausente, não terão dúvidas quanto à justiça divina, mas entoarão as palavras do cântico de Moisés, e o cântico do Cordeiro, dizendo: “Grandes e admiráveis são as Tuas obras, Senhor Deus, Todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei das nações!” Apoc. 15:3.

Teremos muitas perguntas ao chegarmos ao Céu, já que serão muitas as surpresas. Mas nenhuma ficará sem resposta. Os livros contendo os atos de cada pessoa estarão abertos, para serem examinados. Não restará dúvida alguma.

Assim, Isaías ficará sabendo que o ímpio rei Manassés, quando cativo em Babilônia, se arrependeu de todo o mal que havia praticado, e após seu retorno a Jerusalém procurou desfazer seus maus atos, removendo a idolatria de seu reino. Manassés se convertera!

Posso imaginar Isaías abraçando Manassés e lhe dizendo: “Que bom que você se converteu. Eu lhe perdoo por você ter-me assassinado!” E Manassés vai chorar de alegria.

A mesma atitude será assumida por Estêvão, ao saber que Saulo, o feroz perseguidor, se converteu no caminho de Damasco e se transformou em Paulo, o grande apóstolo aos gentios. Os dois também vão se abraçar e tudo será perdoado e esquecido.

Faz 150 anos que o juízo começou. Em breve o seu nome e o meu serão passados em revista. Qual será então a decisão do Supremo Juiz?

# O precursor do movimento adventista

VOLNEY KÜHL

*Diretor de Comunicação da  
Associação Catarinense*

**G**uilherme Miller, conhecido como “o pai do movimento adventista na América”, nasceu em Pittsfield, Massachusetts, em 15 de fevereiro de 1872. Era o primogênito de uma família de 16 filhos, e sua mãe, uma senhora de grandes virtudes, era filha de um pregador batista. Assim, Miller herdou qualidades de cidadania e piedade dos pais.

Segundo o costume da região, naquele tempo, o período escolar tinha a duração de três meses. O pequeno Miller foi iniciado na leitura e na escrita, por sua própria mãe, matriculando-se numa classe adiantada, tão logo abriu uma escola no distrito. Aí, ele recebeu sua inteira educação formal.

No início, os únicos materiais para leitura encontrados no lar, eram uma Bíblia, um Hinário e um livro de orações. Mas com o passar do tempo, outros volumes foram acrescentados à escassa biblioteca. Especialmente entre 14 e 21 anos, Miller dedicou-se profundamente à leitura. Costumava levantar-se à noite, enquanto a família dormia e, sob a luz e o calor da lareira, permanecia lendo até tarde. “Ficou conhecido na vizinhança por sua ilustração e sua clareza na pena. Era muitas vezes chamado para compor versos, escrever cartas e executar desenhos caligráficos.”<sup>1</sup>

Em junho de 1803, aos 21 anos, Guilherme Miller casou-se com a Srta. Lúcia Smith, que morava aproximadamente dez quilômetros distante da sua casa. A nova família estabeleceu-se no lar da noiva, perto de Poultney, Vermont, onde Miller passou a ocupar-se da lavoura, “numa época em que nove décimos da população americana viviam em fazendas”.<sup>2</sup>

## Primeiras impressões religiosas

**D**urante a infância, Guilherme Miller fora ensinado a respeitar as Escrituras Sagradas como sendo a revelação de Deus

ao homem. Mas ao tornar-se adulto ficou perplexo com o que julgava serem incoerências e contradições, que ele era incapaz de conciliar ou explicar.

Freqüentador assíduo da Biblioteca Pública, ali entrou em contato com algumas das pessoas mais bem educadas da comunidade. Essas pessoas eram deístas, isto é, abraçavam a crença em Deus apenas como a causa primeira de todas as coisas. Foi então que travou os primeiros contatos com obras de Voltaire, Hume, Paine, entre outros escritores deístas, muito populares naquele tempo.

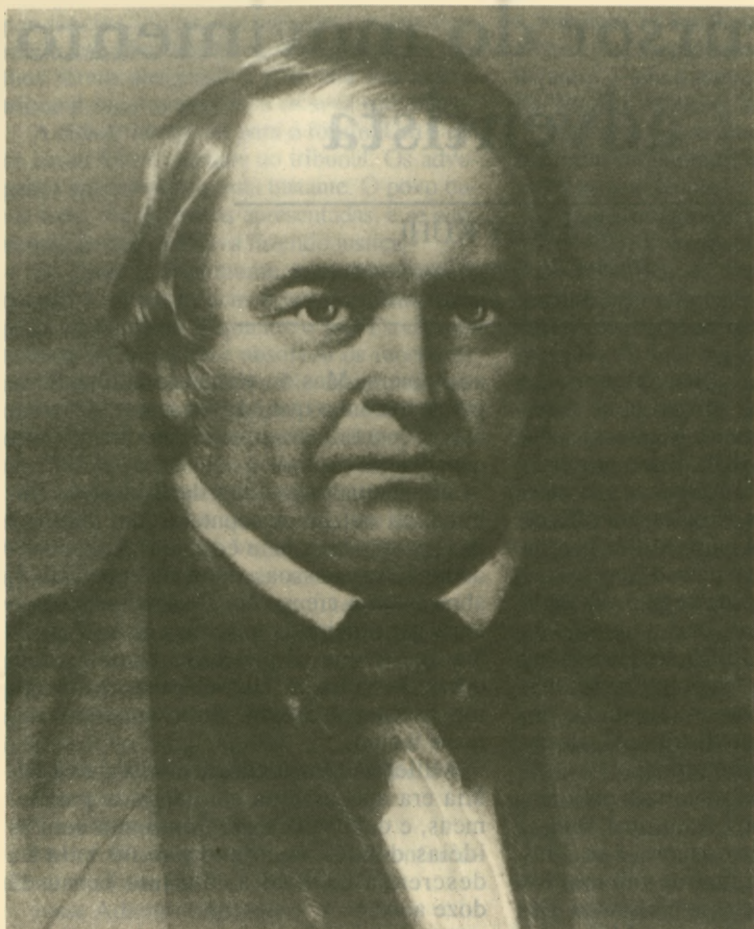
Miller chegou à conclusão de que a Bíblia era apenas uma obra forjada por homens, e dela se desfez. Continuou com as idéias deístas, mantendo-se no vale da descrença na Bíblia, durante cerca de doze anos.<sup>3</sup>

## O vazio

**P**ortador de personalidade atrativa, alcançou reconhecimento de seus méritos, tornou-se juiz de paz e xerife comissionado. Seguramente desempenharia cargos de maior responsabilidade, quando, cansado da política, decidiu seguir a carreira militar.

Ao entrar para o exército, em 1812, em meio a prenúncios de guerra, recebeu o posto de tenente. Passou a capitão dos voluntários, ao começar a guerra, e, depois ingressou no exército regular, como primeiro-tenente. Foi promovido a capitão em 1º de fevereiro de 1814 e participou ativamente de manobras que culminaram com a batalha de Plattsburgo.

Ao fim da guerra, voltou à vida privada. Seu pai falecera e ele teve de mudar-se para Low Hampton, a fim de cuidar da mãe viúva.



Em setembro de 1816, enquanto lia um sermão num domingo à noite, foi tomado de forte emoção, a ponto de ficar impossibilitado de prosseguir e ter de sentar-se. Sentindo profunda necessidade de um Salvador, decidiu confiar-se inteiramente a Ele. Falando de sua própria experiência, ele declarou mais tarde: “Em Jesus encontrei um amigo.”

Imediatamente, erigiu o altar da família, confessando sua fé na religião que antes fizera assunto de zombaria e ridículo. Uniu-se à Igreja, tornando-se uma figura destacada.

#### Estudo da Bíblia

**P**or dois anos, de 1816 a 1818, dedicou-se intensamente ao estudo e à

Foi durante a guerra que Miller começou a pensar mais seriamente nas questões religiosas. Convencera-se de que o deísmo estava inseparavelmente ligado à pregação da existência futura, e tudo tornara-se-lhe obscuro e incerto. A guerra já tinha terminado quando ele enfrentou grande luta espiritual e mental. “Os céus pareciam chumbo sobre a minha cabeça, e a terra como de ferro sob meus pés. Eu me sentia miserável, mas não compreendia a causa”, ele disse posteriormente.

Seu tio, Elin Miller, era pastor da igreja batista de Low Hampton, e Miller passou a freqüentá-la assiduamente, contribuindo liberalmente para sua manutenção. Sempre que o pastor estava ausente, os diáconos liam os sermões. Nessas ocasiões, Miller se ausentava, o que motivou convites para que fosse ele o apresentador dos sermões durante a ausência do pastor. Ele aceitou o convite, ainda que mantivesse suas idéias deístas.

meditação, procurando harmonizar as aparentes contradições da Bíblia.

Deixando de lado todos os comentários e as idéias preconcebidas, passou a estudar a Bíblia apenas com o auxílio de uma Concordância. Iniciando com Gênesis 1:1, passou a comparar verso com verso, prosseguindo após certificar-se de haver compreendido o seu total significado. Em seu estudo, ele mantinha, entre outros, dois princípios básicos de hermenêutica: 1) A Bíblia interpreta-se a si mesma; e 2) a Bíblia deve ser interpretada literalmente, exceto onde o simbolismo é claro.

De acordo com suas próprias palavras, eis a sua principal conclusão: “Cheguei assim, em 1818, ao final de meus dois anos de estudo das Escrituras, à solene conclusão de que em cerca de 25 anos, a partir daquele tempo (1818), todas as atividades de nossa presente condição chegariam ao fim.”<sup>4</sup>

Passou dias e noites estudando a profecia



de Daniel 8:14. Depois de algum tempo, ficou-lhe bem claro que os 2.300 anos começaram em 457 a.C., com a saída do decreto de Artaxerxes para edificar Jerusalém. Por um simples cálculo matemático, chegou à conclusão de que o período terminaria em 22 de outubro de 1844, data em que Cristo apareceria pela segunda vez.

### O primeiro sermão

Num sábado, 13 de agosto de 1831, após treze anos protelando, achou-se profundamente impressionado pela convicção do dever de anunciar aos outros suas conclusões a respeito da segunda vinda de Cristo. “Vai, anuncia isto ao mundo”, dizia-lhe uma voz. “Não, Senhor, não! Tu sabes que eu não sei pregar. Eu não sei pregar”, argumentava. Apesar de tudo, Miller não conseguiu silenciar a voz da convicção.

Assim, decidiu fazer um concerto com Deus: “Senhor, se me abrires o caminho, isto é, se me mandares um convite para que eu pregue exatamente sobre este assunto, então irei”, orou. Apenas 30 minutos haviam se passado, quando alguém bateu à porta. Era seu sobrinho Irwing, que percorrera 25 quilômetros naquela manhã com um recado de seu pai e cunhado de Miller: “Tio Guilherme, eu saí antes do desjejum para dizer-lhe que nosso pastor não poderá dirigir a Palavra no culto de amanhã. Papai mandou que viesse fazer-lhe um apelo. Ele deseja que venha e nos fale sobre as coisas que tem estudado na Bíblia, a respeito da segunda vinda de Cristo.” Mesmo assim, os momentos seguintes foram de intensa luta com Deus. Mas o dever o conclamava.

Miller tomou sua Bíblia e partiu com o sobrinho para Dresden. No dia seguinte, 14 de agosto de 1831, pregou seu primeiro sermão na igreja batista local, aos 50 anos. A mensagem estava baseada em Daniel 7 e 8. Era o marco inicial do grande despertamento adventista na América. Posteriormente, ele pregaria em muitas igrejas batistas, metodistas, congregacionais, etc. Recebeu uma credencial interdenominacional, única, assinada por 17 clérigos de várias denominações.<sup>5</sup>

“Os principais colaboradores de Guilherme Miller foram: Josias Litch (1809-1886), pastor metodista; Carlos Fitch (1805-1844), pastor da Igreja Congregacional; José Bates (1792-1872), marinheiro, capitão e comandante; e Josué Himes (1805-1895), conheci-

do como o grande agente de publicidade do movimento milerita.”<sup>6</sup>

### Esperança adventista

Onde quer que Miller pregasse, seguia-se um reavivamento. Multidões acoiriam para ouvi-lo, profundo ar de solenidade pairava sobre o lugar onde reuniam-se. Era um trabalhador incansável. Embora fosse homem de idade e de pouca saúde, passava meses fora de casa, viajando de trem, de bote ou de jangada; às vezes era apanhado por nevasdas, durante dias. Em 1843, viajou pela Nova Inglaterra e por Nova Iorque, pregando 80 sermões em sessenta dias. No ano seguinte declarou: “Preguei cerca de 4.500 sermões no período de doze anos, a pelo menos 500 mil pessoas.”

Após o Grande Desapontamento de 22 de outubro de 1844, Guilherme Miller assim se expressou: “Deus tem estado comigo, e me tem confortado. Creio na Palavra de Deus. Embora rodeado de inimigos, meu espírito está perfeitamente calmo, e minha esperança na vinda de Cristo é tão firme como sempre.” Sua fé jamais vacilou, morreu firme na bendita esperança da volta de Jesus.

Guilherme Miller foi o instrumento usado por Deus para dar início ao movimento adventista. Embora não tenha sido exato quanto ao acontecimento e o local onde se daria, não errou a data. Em lugar da volta de Cristo à Terra, no dia 22 de outubro de 1844 o Filho de Deus adentrou o Lugar Santíssimo do Santuário Celestial para iniciar o Juízo Investigativo.

O glorioso acontecimento que Miller esperava contemplar em seus dias, brevemente será uma grata realidade. E ele, que descansa no pó desde o dia 20 de dezembro de 1849, estará presente. “Anjos de Deus o acompanhavam. Ele era firme e denodado, proclamando destemidamente a mensagem que lhe fora confiada. Mas anjos vigiam a preciosa sepultura desse servo de Deus, e ele sairá ao som da última trombeta.”<sup>7</sup>

#### Referências:

1. Everett Dick, *Fundadores da Mensagem*, pág. 17.
2. C. Mervyn Maxwell, *História do Adventismo*, pág. 9.
3. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pág. 318.
4. L. E. Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, vol. 4, pág. 463.
5. Francis D. Nichol, *The Midnight Cry*, pág. 57.
6. Archa O. Dart, *História da Nossa Igreja*, pág. 154.
7. Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, págs. 232 e 258.

# Isto é indispensável

JIM H. ZACHARY

*Secretário ministerial associado da  
Associação Geral da IASD*

**A** urgente necessidade de treinar e capacitar anciãos de igreja chamou a minha atenção em recente visita feita a La Paz, capital da Bolívia. Durante um seminário ministerial, encontrei pastores que lideravam até 240 congregações, e alguns de seus membros estavam penetrando em dez novos lugares.

Segundo estimativas, cerca de 80% das congregações ao redor do mundo têm um ancião pregando todos os sábados. Esses homens, na verdade, prestam uma valiosíssima contribuição à Igreja, assumindo pesadas responsabilidades em suas congregações.

Na ausência do pastor, eles cuidam de alimentar espiritualmente o rebanho, conduzem o serviço de culto, organizam as reuniões de oração no meio da semana, elaboram o programa de visitação aos membros, pregam, supervisionam as atividades dos jovens, lideram o evangelismo pessoal e público, além de coordenar a visitação e os estudos bíblicos aos interessados.

Reconhecendo o valor do trabalho do ancião local, e desejosa de ajudá-los a serem cada vez mais eficientes, a Associação Geral delegou à Secretaria Ministerial a responsabilidade de organizar e apoiar programas de treinamento em todo o mundo. É requerida de cada Campo mundial – Missões e Associações –, a realização anual de pelo menos um seminário para anciãos e pastores.

Tais seminários deverão ser conduzidos com base em manuais preparados pela Associação Ministerial, além do Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia. Um lindo broche de lapela será dado a todos os que participarem.

Uma revista trimestral poderá ser adquirida mediante assinatura, ao preço de aproximadamente dez dólares, com direito a um livro do Pastor Bradford sobre Homilética. Todos os pastores e anciãos que desejarem, estão convidados a enviar artigos para essa revista. Eles serão avaliados pelo Conselho Editorial, que decidirá ou não pela sua publicação.

Os artigos devem ser objetivos, sobre temas práticos tais como pregação, preparação de sermões, evangelismo, liderança, princípios de administração de igreja, realização de casamentos, serviço de comunhão, dedicação de crianças, unção de enfermos; enfim, todos os assuntos do âmbito ministerial.

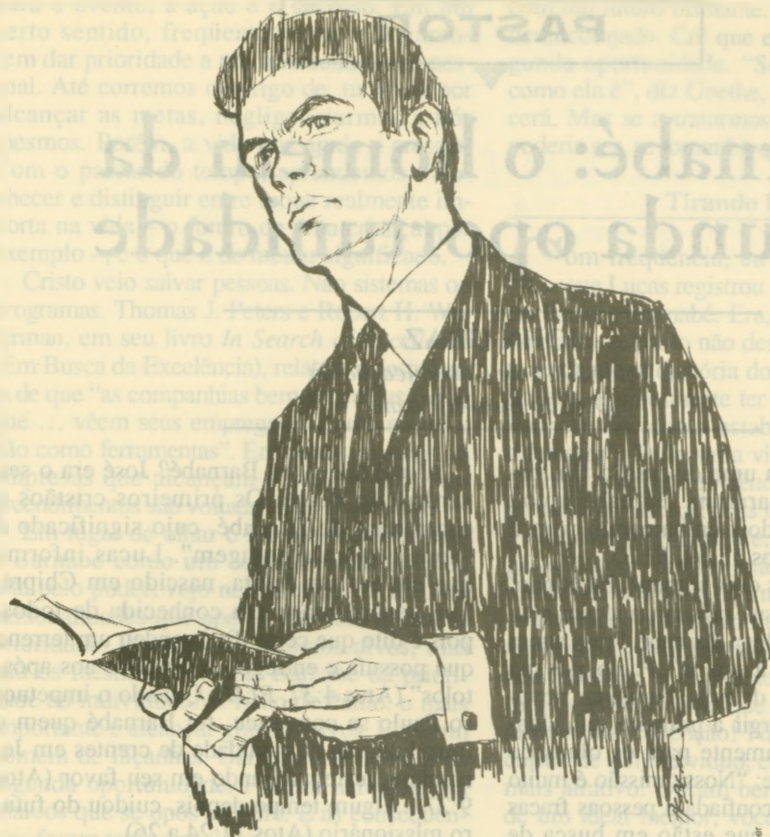
## Um tempo solene

**A**s profecias bíblicas e os acontecimentos que têm lugar ao nosso redor, apontam claramente para o breve retorno do Senhor Jesus Cristo à Terra.

O período dos 1.260 anos de Daniel e Apocalipse terminou em 1798. Esse ano marcou o início do período conhecido como Tempo do Fim. Não há dúvida de que, a esta altura dos acontecimentos, nós estamos vivendo no fim do Tempo do Fim. Os profetas, apóstolos e seguidores de Cristo através dos séculos olharam para este tempo. Anciãos e pastores de hoje têm o inaudito privilégio de viver os momentos finais da história humana. Sim, os tempos atuais colocam pesada responsabilidade sobre os líderes modernos.

A profecia dos 2.300 anos ressalta dois significativos aspectos do ministério salvífico de Jesus em favor da humanidade. Na metade da septuagésima semana, na profecia, Jesus foi morto na cruz, tornando a salvação acessível a todos. E, em 1844, iniciou-se o Juízo Investigativo. Atualmente, vivemos os dias finais desse Juízo. Breve Cristo retornará.

O espantoso crescimento do espiritismo moderno e o Movimento Nova Era cumprem as predições bíblicas. O terrível aumento da violência traz-nos à mente que Deus um dia destruiu o mundo pelo mesmo motivo (Gên.6). Jamais o mundo experimentou ou foi entretido com tanta violência via televisão, filmes e fitas de videocassete, como em nossos dias. Estatísticas recentes mostram que uma criança americana, ao



chegar aos dez anos de idade, teve oportunidade de ver oito mil assassinatos e mais de cem mil atos de violência. A isso acrescenta-se as cenas de imoralidade que enchem a tela da TV.

O próximo grande evento da história humana será o dia quando Jesus colocará um ponto final em Seu trabalho intercessório no Santuário Celestial. Em solenes tons ele sela o destino da raça humana, nas seguintes palavras: "Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se." (Apoc. 22:11).

### Uma missão urgente

Nesta última hora da história de nosso mundo, Jesus deu a Seu povo uma missão global: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações..." (Mat. 28:19). A mensagem a ser pregada é o convite dos três anjos apocalípticos para que as nações se

rendam a Cristo e obedeçam a Sua Lei. Essa mensagem divide o mundo em dois grupos: os que aceitam a Cristo e O obedecem, e os que O rejeitam.

Um sentido profundo de urgência deve encher nossa vida. Brevemente o tempo de graça findará e os juízos de Deus cairão sobre os que rejeitaram Seu oferecimento de misericórdia. Brevemente será demasiado tarde para alimentar a igreja e evangelizar o mundo.

A iminência do retorno de Cristo deveria inspirar anciãos e pastores a buscarem duas coisas: 1) crescimento espiritual através

de um relacionamento pessoal com Jesus, que redundará em conversão diária, vitória sobre o pecado e transformação da vida. 2) Dar, individualmente, a máxima prioridade à missão recebida do Senhor. Os anciãos devem ser também ganhadores de almas.

### Dependência de Deus

A tarefa diante de nós é maior que a totalidade de nossos planos, nossas finanças e nossos recursos humanos. Necessitamos do auxílio divino para cumpri-la. E Jesus nos garante uma fonte de poder que é mais que suficiente – o Espírito Santo. Sem Ele, não há vida, não há poder. Quando ao Espírito é concedido o devido lugar no coração, aí será observado crescimento espiritual e poderoso testemunho.

Devemos dar prioridade ao preparo para receber a Chuva Serôdia. Devemos, em comunhão com Cristo, suplicá-la insistentemente, a fim de cumprirmos poderosa e victoriosamente a Missão Global de Deus.

# Barnabé: o homem da segunda oportunidade

JOHN GRAZ

*Diretor J.A. e de Comunicação da  
Divisão Euro-Africana*

**P**or isso tiveram uma discussão tão forte, que se separaram. Barnabé levou João Marcos, e os dois embarcaram para a ilha de Chipre.” (Atos 15:39, *BLH*).

Posso imaginar os dois homens discutindo: “Ele era jovem; foi sua primeira viagem nessas regiões hostis”, alega Barnabé, “mas agora seu desejo é retornar à equipe”. Paulo, por sua vez, retruca: “a fim de nos abandonar novamente, assim que surgir a primeira dificuldade!” Olhando diretamente para os olhos de seu amigo, prossegue: “Nossa missão é muito importante para ser confiada a pessoas fracas e indecisas, jovens que estão em busca de aventura.” E acrescenta, deixando clara sua firme decisão: “Marcos não irá comigo. Ele não tem qualificativos para ser um discípulo!”

E assim foi. A conciliação tornou-se impossível. Seus pontos de vista eram tão diferentes que o conflito foi inevitável. Qual desses dois poderosos líderes cedeu? Nenhum dos dois. Paulo foi para a Síria; Barnabé foi para Chipre, juntamente com Marcos, seu protegido. Barnabé desapareceu da cena da história devido a um jovem que não era estável, mas a quem ele desejava oferecer uma segunda oportunidade. Teria isso algum proveito? Estaria correta, ou errada, a sua atitude? Por que ele mostrou-se tão obstinado sobre esta questão?

## Além do conflito

**M**uitas vezes esse episódio nos é relatado como um conflito entre dois líderes – duas personalidades muito fortes – que lutavam pelo poder. Nesse caso, Marcos poderia ter sido nada mais que um pretexto. Mas, é preciso avançarmos um pouco mais na compreensão dos fatos.

Afinal quem era Barnabé? José era o seu verdadeiro nome. Os primeiros cristãos o chamavam de Barnabé, cujo significado é “aquele que dá coragem”. Lucas informa que ele era um levita, nascido em Chipre. Sua generosidade era conhecida de todos, pois é dito que certo dia “vendeu um terreno que possuía e entregou o dinheiro aos apóstolos” (Atos 4:37, *BLH*). Quando o impetuoso Paulo se converteu, foi Barnabé quem o introduziu na comunidade de crentes em Jerusalém, testemunhando em seu favor (Atos 9:27). Algum tempo depois, cuidou do futuro missionário (Atos 11:24 a 26).

De acordo com essas informações, Barnabé fez jus ao seu nome. Ele estava interessado nas pessoas, em seus valores, confiava nelas; e tinha a capacidade de discernir seu futuro. Barnabé pertence ao grupo daquelas pessoas que acreditam ser prudente oferecer uma oportunidade a todos, mesmo que seja uma segunda chance. É um verdadeiro líder, amigo e fiel.

Que dizer de Paulo? Bem, nele podemos ver um missionário fervoroso, no início do seu ministério. É um homem de ação. Um conquistador. Elabora planos, estabelece alvos, luta pela eficiência. Para ele, a pessoa está em segundo plano. Seu irrefreável desejo é evangelizar a qualquer preço. Não se deixa intimidar pelos riscos. Todos os demais que lhe cercam devem submeter-se às suas ordens.

Quando eu era um jovem pastor, vivia altamente interessado nos alvos a serem alcançados e nos desafios que devia conquistar. As pessoas não eram a minha prioridade. Todos os membros deviam fazer o seu melhor a fim de que juntos obtivéssemos a máxima eficiência. Não raro, é isto o que acontece no início do nosso ministério. Estamos voltados

para o evento, a ação e o sucesso. Em um certo sentido, freqüentemente avançamos sem dar prioridade a um relacionamento pessoal. Até corremos o perigo de, na ânsia por alcançar as metas, negligenciarmos a nós mesmos. Porém, a vida nos ajuda a crescer. Com o passar do tempo, aprendemos a conhecer e distinguir entre o que realmente importa na vida – o futuro de uma criança, por exemplo –, e o que é de menor significado.

Cristo veio salvar pessoas. Não sistemas ou programas. Thomas J. Peters e Robert H. Waterman, em seu livro *In Search of Excellence* (Em Busca da Excelência), relatam a descoberta de que “as companhias bem-sucedidas são as que ... vêem seus empregados como sócios e não como ferramentas”. Em outras palavras, as empresas que alcançam êxito em seus empreendimentos são voltadas para as pessoas.

Em lugar de olhar o incidente entre Paulo e Barnabé como um conflito, resultante da luta pelo poder, vejo nele o encontro de duas personalidades que apenas não têm a mesma prioridade. Possuem os mesmos alvos, mas não os mesmos métodos. Barnabé dá prioridade ao indivíduo. Na visão de Paulo, o mais importante é alcançar grandes alvos. Ele é um homem de façanhas. Barnabé é o homem da segunda oportunidade. Foi por acreditar em Marcos que se opôs a Paulo. E as conseqüências foram tanto positivas como negativas.

A face negativa foi o fato de o nome de Barnabé haver desaparecido das crônicas da história cristã. Sempre há pessoas semelhantes a Barnabé, na história de organizações, instituições, grupos ou igrejas. São as pessoas que ficam à margem porque escolhem dar prioridade a indivíduos, ao invés de alvos ou sistemas. Pensemos naqueles que se opuseram ao racismo, que defenderam minorias, que promoveram a saúde. Para eles, a argumentação econômica, ou mesmo patriótica, não justifica o menosprezo dispensado a um ser humano. Quantos dentre eles tiveram cercado o livre direito de expressão, até mesmo foram aprisionados ou mortos!

Mas a decisão de Barnabé teve também conseqüências positivas. Sua atitude tornou-se trampolim para a salvação de um jovem promissor. Ele impediu o seu fracasso e o conduziu ao sucesso. Sabia que abandonar Marcos naquela situação de derrota significaria o risco de perdê-lo. Porque um fracasso pode levar a outro fracasso.

Em Marcos, jovem obreiro ainda hesitante e temeroso, Barnabé vê um discípulo de Jesus

com um futuro brilhante. Quer evitar que seja desencorajado. Crê que ele necessita uma segunda oportunidade. “Se tratamos a pessoa como ela é”, diz Goethe, “assim ela permanecerá. Mas se a tratarmos como ela deveria e poderia ser, se tornará o que deve e pode ser”.

### Tirando lições

Com freqüência, eu me perguntava por que Lucas registrou o episódio envolvendo Paulo e Barnabé. Era, de fato, necessário? Porventura, Paulo não desempenhou uma parte brilhante na história do cristianismo? Lucas poderia simplesmente ter escrito que “Paulo e Barnabé decidiram estabelecer duas equipes diferentes”. Tudo seria visto como uma questão de estratégia e eficiência no trabalho, e ninguém teria buscado mais informações.

Inquestionavelmente, Paulo era o teólogo, o doutor, o missionário que não poderia ser detido por nada. Barnabé era o educador.

Ao fazer o registro deste que poderia ser um episódio insignificante, Lucas, na verdade, nos transmite uma grande advertência. Tentemos escutá-lo, como que expressando-se desta maneira: “Atenção! Não justifiquem a exclusão de um indivíduo, em nome de um ideal mais atrativo. Ouçam bem: mesmo em nome de um ideal melhor, vocês não têm o direito de usar seres humanos como fantoches.”

Evidentemente, podemos fazer objeção a isso. Mas, estaríamos realmente seguros? Quantas organizações, incluindo algumas religiosas, inconscientemente exploram seus adeptos! Trabalho não remunerado – em favor da causa. Grandes concentrações e campanhas evangelísticas, realmente fantásticas, lideradas por personalidades espetaculares, que viajam em seus jatinhos particulares, possuem fazendas, mansões, impérios de comunicação. “Pela causa”, dizem ao povo. Por qual causa? Estamos muito aquém de Barnabé, que deu tudo para a Causa com a qual estava comprometido. Os mais belos ideais podem ser empregados de maneira errada para as ambições pessoais e para ocultar frustrações. O zelo pode ocultar uma necessidade de realização, de estima. Se não estou comprometido com os outros, em nome do ideal da fé, tenho de perguntar a mim mesmo se é realmente à minha fé que estou servindo.

Freqüentemente ouvimos pessoas fazendo observações contrárias às atividades dos nossos jovens, juvenis, e mesmo adultos, dizendo que abrimos demasiadamente as portas. Seria mui-

to mais fácil abri-las apenas um pouco, deixando entrar apenas as melhores pessoas. Se agirmos assim, acabaremos como um hospital que se recusa a atender os casos mais sérios e que se orgulha de ter uma média de cura 100%. Jesus não nos pediu para cuidarmos dos perfeitos no rebanho. Disse-nos para cuidarmos de todos. Isto é um pouco mais difícil. Mas se recusarmos a ovelha que coxeia, tropeça e cai, quem irá ajudá-la a erguer-se novamente? Quem irá lhe contar sobre seu Salvador?

Durante os últimos meses, encontrei-me com algumas pessoas, jovens especialmente, que haviam deixado a Igreja, mas estavam retornando cheias de fé e zelo. Um desses jovens apostatara aos 14 anos e passou a ganhar dinheiro desonesto, consumir drogas e bebidas alcoólicas. Posteriormente encontrou um excelente emprego. Converteu-se, foi despedido, e resolveu tornar-se um pastor. Enquanto dava seu testemunho comovido, apelava aos pais presentes: “conversem, mantenham diálogo com seus filhos.”

Um outro jovem veio falar comigo, na semana seguinte. Transbordava alegria e falava da sua decisão de batizar-se. Uma jovem dizia: “Não posso mais relutar, decidi seguir a Cristo.” Sua emoção era tão intensa, que chorava e sorria ao mesmo tempo.

Eu poderia mencionar muitos outros jovens que encontrei após uma semana de palestras, e que estavam buscando uma segunda oportunidade, u’a mão que lhes fosse estendida, um coração aberto, um olhar amigo. Nossos jovens necessitam de pessoas que os amem incondicionalmente, tais como eles são; que creiam em seu desenvolvimento. Necessitam de pessoas como Barnabé, que lhes dêem uma segunda chance.

Todas as pessoas que reencontraram a igreja, depois de se afastarem dela, encontraram um Barnabé em seu caminho. Alguém que as reconduziu ao Salvador. Que lhes disse que Jesus as estava aguardando de braços abertos. Elas creram e voltaram.

### **Todos merecem uma chance**

**O**s anos se passaram. Estou certo de que algum dia Barnabé teve a alegria de saber que seu protegido, Marcos, tornou-se o secretário de Pedro e autor do primeiro Evangelho. Mais tarde, as qualidades do homem que fora rejeitado foram reconhecidas pelo próprio apóstolo Paulo, que o incorporou à sua equipe (Fil. 2:14; Col. 4:10). E

mais, enquanto Paulo estava na prisão, escreveu a Timóteo: “... Toma contigo a Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério.” (II Tim. 4:11). Assim, Paulo finalmente reconheceu a importância do papel de Marcos. A segunda oportunidade que lhe foi concedida por Barnabé, demonstrou o seu valor.

Cedo ou tarde, todos estaremos em necessidade de uma segunda chance. Em nosso ministério, em nossa família, ou em nossa igreja. Haverá um Barnabé para nos assegurar isso? É muito importante que seja assim. “Você pode deixar o fracasso para trás e voltar-se para a ala dos vencedores”, escreve Robbins, “se houver alguém que creia em você.” Todos temos um Barnabé que acredita em nós. Deus acredita em nós. Ele é o campeão da segunda, e até da décima oportunidade, se for necessário. Deu uma segunda oportunidade a Moisés, a Davi, a Maria Madalena, a Zaqueu, a Pedro e também a Paulo.

A escolha de Barnabé foi boa. Ele deveria ser nosso exemplo em nosso relacionamento com nosso cônjuge, nossos filhos, e com todas as pessoas em nosso viver diário – nossos colegas, líderes e liderados, e especialmente os jovens. Eles têm dúvidas sobre si mesmos. Uma experiência de fracasso pode trazer sobre eles resultados devastadores, se não for compensada por palavras de encorajamento. E, acreditem, essas poucas palavras expressadas com sinceridade, jamais serão esquecidas.

Assim como Barnabé, diante de uma pessoa aparentemente frágil, hesitante e desfiada, não nos detemos apenas sobre a aparência, mas em seu desenvolvimento potencial. Acostumemo-nos a colocar as pessoas no alto da nossa lista de prioridades e não permitamos que elas sejam aniquiladas por alvos ou sistemas. Não utilizemos as pessoas como trampolim para nossas próprias ambições. Antes, façamo-nos trampolim para elas. Sejamos advogados daqueles que não têm voz, e que estão, quem sabe, atravessando um período de crise.

Sejamos, para todos os que nos cercam, homens e mulheres da segunda oportunidade. Então, algum dia, experimentaremos a grande alegria de ver a planta frágil e débil, que por nós foi protegida, tornar-se uma maravilhosa árvore, poderosa e generosa, com galhos que crescem em direção ao céu.

No caminho da eternidade, encontraremos pessoas feridas e derrotadas. Algumas delas são colegas de ministério. Estendamos-lhes a mão. Compensa dar-lhes uma segunda oportunidade.

# Ano Internacional da Mulher Adventista

VASTI S. VIANA

*Coordenadora da AFAM e do Ministério da Mulher na Divisão Sul-Americana*

O próximo ano, 1995, foi escolhido pela Associação Geral para ser o Ano Internacional da Mulher Adventista.

A esposa do pastor é uma mulher destacada, e sua participação em 1995 deve ser igualmente destacada. Desde já, você está convidada a participar de alguma atividade desenvolvida em três áreas específicas. Veja como é fácil.

## Área espiritual

O primeiro sábado de março será o Dia Mundial de Oração da Mulher Adventista. O segmento feminino da Igreja promoverá ampla propaganda do evento, e contamos com você, na qualidade de associada da AFAM, para cooperar na divulgação do mesmo.

Que maravilhoso é pensar que todas as mulheres adventistas, no mundo inteiro, estarão unidas em orações especiais, num só dia! Certamente nosso Senhor Jesus dará atenção a cada prece, e nenhuma delas será feita em vão. Será uma corrente de bênçãos, força e poder divinos sobre Sua Igreja.

Você, como "primeira dama" do distrito pastoral, deverá unir-se às esposas dos anciãos e outras senhoras, para desenvolverem uma parte específica na programação do dia 4 de março, nessa corrente mundial de oração.

## Área intelectual

A esposa do pastor deve atualizar-se continuamente através da leitura. É bem verdade que os afazeres diários, dentro e fora do lar, consomem tempo e energia. Muitas vezes, com zelo, cuidamos de tudo e de todos, menos de nós mesmas.

É claro que devemos encontrar um caminho

para resolver esse problema. Que tal começar analisando nossas tarefas e, então, separar as necessárias das que podem ficar para depois, ou que podem ser feitas por outras pessoas? Seguindo essa orientação, é bem certo que encontraremos alguns momentos tranquilos, diariamente, para ler e meditar na Palavra inspirada e também para ler pequenos e bons livros que tratam de assuntos de interesse feminino.

Tais leituras abrirão nossos olhos para atitudes amadurecidas e valiosas, que tornarão nossa experiência de vida mais útil e gratificante.

Portanto, minhas amigas, vamos dinamizar o Clube do Livro da AFAM.

## Área Social

Todo o nosso relacionamento social, a partir do próprio lar, poderá ser enriquecido e tornar-se cada dia mais agradável, se conhecermos um pouco mais das ações e reações naturais dos diversos temperamentos das pessoas. Compreendendo melhor a natureza humana, poderemos aconselhar com mais propriedade, ouvir com mais atenção e manter diálogos mais amigáveis com nossos queridos e com as demais pessoas.

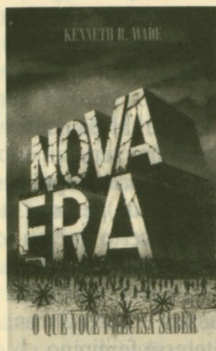
Estou pensando em você, minha amiga. No fundo do coração, você pode ter escondido um desejo imenso de levar a efeito um sonho. Talvez um programa de rádio de poucos minutos, uma série de conferências, com o auxílio de algumas colegas, ou trazer ao aprisco do Senhor pais de alunos seus, Escola Sabatina Filial com seus filhos.

Estamos à sua disposição. E que o Senhor seja engrandecido, Seu reino seja divulgado através de suas filhas, especialmente no futuro Ano Internacional da Mulher Adventista.

# BIBLIOTECA DO PASTOR

## **NOVA ERA: O QUE VOCÊ PRECISA SABER**

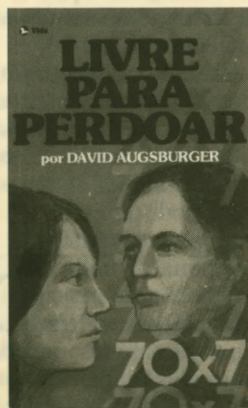
*Kenneth R. Wade, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 174 páginas.*



Ao estudar as religiões antigas, Kenneth Wade descobriu que certas crenças, como a reencarnação, *karma* e monismo quase sempre levavam ao sacrifício humano no passado. Nesta obra o autor revela como o movimento da Nova Era, ao defender tais crenças, está provocando uma desvalorização da vida humana e tornando a idéia do sacrifício humano aceitável a um número crescente de pessoas. E se pergunta se esses atos de barbarismo poderiam ressurgir hoje. Poderia, a aceitação de tais conceitos, levar à aprovação de leis requerendo a morte dos desobedientes? O que podem os cristãos fazer?

## **LIVRE PARA PERDOAR**

*David Augsburger, Editora Vida, São Paulo; 174 páginas.*



Através de capítulos que tratam sobre a ira, a hostilidade, o preconceito e a culpa, *Livre Para Perdoar* lança abundante luz sobre como os ressentimentos podem prejudicar a personalidade cristã. Sua leitura é, no dizer de D. Edmond Hiebert, “uma experiência

desafiante e indagadora, ... Uma dádiva apropriada para muitas almas amarguradas e perturbadas em nossos dias.”

## **DECEPCIONADO COM DEUS**

*Phillip Yancey, Editora Mundo Cristão, São Paulo; 262 páginas.*

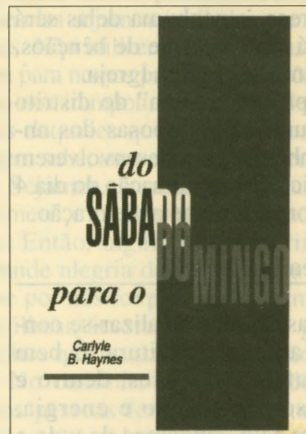


Este livro é um heterodoxo. O autor desmantela frases feitas e argumentos falsamente piedosos. Ele se propõe a ouvir com cuidado e carinho as vozes da desilusão, do ceticismo e da incredulidade, e a procurar minuciosamente as respostas. *Decepcionado com*

*Deus* será uma fonte de conforto para todo leitor que já sofreu alguma perda significativa, e de ajuda ao pastor, que, em seu trabalho, frequentemente encontra pessoas em tal situação. Através da Bíblia o autor descobre soluções às perguntas que mais torturam a alma humana: Deus é injusto? Deus está calado? Deus escondeu-Se de mim?

## **DO SÁBADO PARA O DOMINGO**

*Carlyle B. Haynes, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 139 páginas.*



Editado pela terceira vez, este opúsculo mostra, através de fatos bem documentados, que o ciclo semanal permanece inalterado desde a Criação. E que o sábado do sétimo dia, portanto, não se perdeu ao longo da história hu-

mana. Nem mesmo com a mudança do calendário, em 1582.